

REVISTA ADVENTISTA

★ Leitura para a

SEMANA DE ORAÇÃO

10-17 de Novembro

JESUS, PURO RIO DA MINHA ALMA

Por Harry Silbaugh

(TRADUZIDO)

Jesus, puro rio da minha alma
Torna-me de hoje em diante honesto e puro ;
E minhas vestes de pecado sujas purifica
P'la Tua corrente que salva e vivifica.
Toma meu coração de escarlate
Transforma-o numa jóia de quilate
Jesus, rio puro da minha alma.

Que a corrente que brota do Teu peito
A minha vida redima e purifique;
P'ra que liberto da mancha do pecado
Uma nova vida eu leve transformado
Jesus, puro rio da minha alma



Apelo da Semana de Oração

(10 a 17 de Novembro de 1962)

SUMÁRIO

Apelo da Semana de Oração
Para um tal tempo como este
A Expição de Cristo
A Certeza do Juízo
A justiça de Deus pode ser nossa
Evangelizando o Mundo para
Cristo
Está Deus no vosso orçamento?
A mão do Senhor exalta
Olhai por nós
A Oração Pública

ANO XXIII N.º 194
NOVEMBRO DE 1962

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
E. MIRANDA, F. CORDAS,
F. MENDES, M. LARANGEIRA
E M. LOURINHO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

Eis que mais uma Semana de Oração com todas as suas bênçãos chegou e devemos sentir-nos gratos pelo privilégio de podermos unir as nossas orações em louvor e gratidão a Deus por todas as bênçãos que recebemos durante o ano que passou.

Esta Semana de Oração tem especialmente 2 propósitos. Em primeiro lugar, para buscarmos ao Senhor de uma maneira muito particular como uma igreja unida, para orar pelo avanço do trabalho em todo o campo mundial e para que a mensagem do Evangelho possa em breve ser levada a toda a nação, tribo, língua e povo. Não há nada que, como igreja, nos una tanto como a maravilhosa mensagem que o Senhor nos deu e esta Semana especial de Oração uma vez por ano. Certamente que o Senhor quer que oremos todos os dias, pois aqueles que O buscam diariamente são os que alcançam as maiores bênçãos espirituais na Semana de Oração.

Não necessitamos que nos lembrem que estamos enfrentando uma crise na situação mundial. Enquanto que as coisas no mundo parecem malograr-se, pela dissensão, nós, como membros da igreja de Deus, devemos continuar firmemente unidos, buscando a Sua face de uma maneira muito especial. Isto significa mais do que meramente profetizar uma oração. Por buscar a face do Senhor entende-se, voltarmos os nossos pensamentos, as nossas afeições, a nossa vontade para Ele, com o sincero desejo de que as nossas vidas sejam inteiramente guiadas pelo Senhor. Este é o tempo em que devemos fazer um cabal exame às nossas relações para com o nosso Deus e o nosso próximo.

O segundo propósito para o qual a Semana de Oração foi estabele-

cida pela nossa denominação é para que possamos de uma maneira especial, uma vez em cada ano, trazer uma real oferta, uma oferta de sacrifício, para que o trabalho do Senhor possa progredir em todas as partes do mundo. Quanto mais orarmos, mais gostaremos de dar, para que O Seu trabalho possa ser terminado. Uma igreja que ora é sempre uma igreja que dá. Não esqueçamos que a Obra do Senhor começou com sacrifício e certamente acabará da mesma maneira.

O sacrifício vem de uma total consagração de coração e por conseguinte ele enriquece aquele que dá; e quando estamos prontos a fazer um real sacrifício do nosso eu consagrando toda a vida a Deus, nenhum sacrifício dos nossos meios, do nosso dinheiro, será demasiado grande.

As leituras que foram preparadas para esta Semana de Oração são de grande importância. Todas estas mensagens devem ser lidas com o sincero desejo de pôr as nossas vidas em harmonia com as verdades aqui apresentadas.

Possa o Senhor abençoar-nos grandemente durante esta Semana de Oração e impressionar-nos com a grandeza da nossa tarefa inacabada; e à medida que nos consagrarmos de uma maneira mais definida, possamos demonstrar a Deus a nossa lealdade através do sacrifício que fazemos pela Causa que amamos. Possa a oferta que trouxermos no Sábado 17 de Novembro significar muito para o avanço do trabalho de Deus e possa ser ela um meio de apressar a vinda do nosso Senhor.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A CONFERÊNCIA GERAL

REVISTA ADVENTISTA

Para um tal tempo como este *

Por ELLEN G. WHITE

CAROS IRMÃOS QUE REÚNEM NA SEMANA DE ORAÇÃO: —

Estamos certos de que esta será uma Semana importante para nós, como um povo. Deve este ser um período de buscarmos sinceramente o Senhor e humilharmos os nossos corações perante Ele. Espero que olheis para esta Semana como a mais preciosa oportunidade para orardes e vos aconselhades uns aos outros; e se a exortação do apóstolo para amarmos mais os outros do que a nós próprios fosse cuidadosamente seguida, poderíeis em humildade de pensamento, com o espírito de Cristo, examinar minuciosamente as Escrituras para ver qual é a verdade. A verdade nunca perde nada de si própria pelo nosso estudo afincado. Deixai a Palavra de Deus falar por ela própria; deixai-a ser a sua própria intérprete e a verdade brilhará como pedras preciosas por entre o lixo.

Apelo para um estudo pessoal da Bíblia

Foi-me mostrado que há muitas pessoas do nosso povo que aceitam as coisas com demasiada credulidade e não sabem por si próprias, por um aturado e criterioso estudo das Escrituras, quando estão no

erro ou na verdade. Se o nosso povo dependesse bastante menos de sermões e gastasse muito mais tempo de joelhos perante Deus, intercedendo junto d'Ele para que as suas mentes fossem abertas à verdade da Sua Palavra, então saberiam que os seus pés estão sobre rocha firme e anjos de Deus estariam à sua volta para os ajudar nos seus esforços...

O nosso povo deve compreender individualmente a verdade Bíblica mais a fundo, porque certamente será chamado perante os tribunais; será criticado por espíritos violentos e severos. Uma coisa é concordar com a verdade e outra coisa é, por meio de uma aturada investigação como estudantes da Bíblia, conhecer o que é realmente a verdade. Fomos avisados dos perigos, provações e tentações que se passaram antes de nós. E agora chegou a altura de tomarmos providências para nos prepararmos para enfrentar as tentações e dificuldades que estão diante de nós.

Se as almas negligenciam pôr as suas vidas de acordo com a verdade e serem santificadas por ela, só poderão dar a razão da esperança que há em si com fraqueza e temor e serão arrastadas por alguns dos muitos erros e heresias e as suas almas se perderão.

Ao vos juntardes nestas várias reuniões de oração, rogo-vos irmãos que façais esforços pessoais para que a vossa alma e espírito possam ser limpos de toda a influência profana que vos possa separar de Deus. Muitos, muitos se perde-

rão porque não estudaram as suas Bíblias de joelhos, em fervorosa oração a Deus, para que o brilho da Palavra pudesse dar luz ao seu entendimento... Não devemos estabelecer primeiro as nossas próprias ideias e depois interpretar cada coisa de acordo com elas. Foi aqui que alguns dos nossos maiores reformadores falharam e esta é a razão pela qual homens que hoje poderiam ser valorosos campeões para Deus e a verdade, estão lutando contra ela. Deixai que cada pensamento, cada palavra e todo o vosso comportamento estejam impregnados daquela cortezia e polidez cristã de uns para com os outros como as Escrituras ordenam. Deus deseja que aprendamos, em primeiro lugar, dos vivos oráculos e só em segundo lugar do nosso próximo. Esta é a ordem de Deus.

A Palavra de Deus é a grande reveladora do erro; todas as coisas devem ser aferidas por ela. A Bíblia deve ser a nossa norma em relação a qualquer doutrina. Devemos estudá-la com reverência. Não devemos aceitar a opinião de ninguém sem a compararmos com as Escrituras. Ali está expressa a autoridade divina que é suprema em assuntos de fé. É a Palavra do Deus vivo que decide todas as controvérsias. — Leaflet, «Leituras da Semana de Oração», 1888.

A Semente Pura da Verdade

O conhecimento de Deus não pode ser adquirido sem esforço

* Extraído de algumas comunicações de admoestação, conselho e anelo, da mensageira do Senhor, e começando com uma porção da sua mensagem a ser lida no primeiro Sábado da Semana de Oração.

mental, sem se orar por sabedoria para que se possa separar a semente pura da verdade, da palha com a qual os homens e Satanás deturparam as doutrinas da verdade. Satanás e a sua confederação de agentes humanos, esforçaram-se por misturar a palha do erro com o trigo da verdade. Devemos procurar diligentemente o tesouro escondido e buscar sabedoria do céu a fim de separarmos as invenções humanas dos mandamentos divinos. O Espírito Santo ajudará o investigador a alcançar as grandes e preciosas verdades que se relacionam com o plano da redenção.

Desejo impressionar-vos com o facto de que uma leitura ocasional das Escrituras não é suficiente. Devemos pesquisar e isto significa fazer tudo o que esta palavra implica; assim como o mineiro explora ansiosamente a terra para descobrir o filão do ouro, assim devemos procurar explorar na Palavra de Deus o tesouro que Satanás procurou esconder do homem. O Senhor diz, «Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá...». João 7:17.

A Má e a boa maneira de estudar

Não deveis levar as vossas próprias ideias para a Bíblia e fazer das vossas opiniões o centro à volta do qual a verdade tem que girar. Deveis deixar as vossas próprias ideias à porta da investigação e com corações humildes e contritos, com o eu escondido em Cristo, com fervorosa oração, preparar-vos para buscar a sabedoria de Deus. Deveis sentir que vos importa conhecer a vontade revelada de Deus, porque ela está relacionada com o vosso eterno bem-estar pessoal. A Bíblia é uma directriz pela qual podeis saber o caminho da vida eterna. Deveis desejar, acima de todas as coisas, saber a vontade e os caminhos do Senhor.

A vossa investigação não vos deve levar à busca de textos da Escritura através dos quais possais provar teorias pessoais. A Palavra de Deus declara que isto seria torcer as Escrituras para vossa própria destruição. Deveis esvaziar-vos de todo o preconceito e vir em espírito

de oração investigar a Palavra de Deus. — Fundamentals of Christian Education, págs. 307, 308.

Olhando cinquenta anos atrás

Nós somos o povo que guarda os mandamentos de Deus. Durante os passados cinquenta anos⁽¹⁾ todas as fases da heresia caíram sobre nós, para escurecer as nossas mentes na contemplação dos ensinamentos da Palavra — especialmente o que se refere ao ministério de Cristo no santuário celeste e a mensagem do Céu para estes últimos dias, dada pelos anjos do capítulo 14 de Apocalipse. Mensagens de todos os géneros têm sido apresentadas aos Adventistas do Sétimo Dia, para tomarem o lugar da verdade que, ponto por ponto, tem sido procurada com oração e estudo e testificada pelo miraculoso poder actuante de Deus. Mas os marcos miliários que fizeram de nós o que somos, devem ser preservados e sê-lo-ão, como Deus declarou através da Sua Palavra e do testemunho do Seu Espírito. Ele intima-nos a apegarmo-nos firmemente, com a âncora da fé, aos princípios fundamentais que estão baseados na Sua indiscutível autoridade. — Selected Messages, vol. I, pág. 208.

Quando o poder de Deus testifica de uma coisa como sendo a verdade, essa verdade permanecerá assim para sempre. Nenhuma suposição dada posteriormente e contrária à luz que Deus deu, deve ser aceite. Os homens aparecerão com interpretações da Escritura que consideram verdadeiras, mas que o não são. Deus deu-nos a verdade para este tempo como um fundamento para a nossa fé. Ele próprio nos ensinou o que é a verdade. Aparecerá um aqui, outro acolá, com nova luz que contradiz a luz que Deus deu sob o testemunho do Seu Santo Espírito.

Não devemos receber as palavras daqueles que vêm com uma mensagem que contradiz os pontos especiais da nossa fé. Eles misturam textos da Escritura e empilham-nos como prova das teorias que defendem. Isto tem acontecido durante todos estes cinquenta anos passados⁽²⁾. E sendo as Escritu-

ras a Palavra de Deus e devendo ser respeitadas, a sua interpretação, se tal interpretação modifica um pilar que seja dos fundamentos que Deus tem sustentado durante estes cinquenta anos, é um grande erro. O que der tal interpretação não conhece a maravilhosa manifestação do Espírito Santo que dá poder e força às mensagens do passado que foram dadas ao povo de Deus. Aparecerão uns aqui e outros acolá, que trarão falsa grande luz, teorias pessoais. Mas nós permaneceremos com as antigas normas. Ibid., págs. 161 e 162.

Uma salvaguarda contra as decepções dos últimos dias

Todos devem sentir a necessidade de compreender a verdade por si próprios, individualmente. Devemos compreender as doutrinas que foram estudadas cuidadosamente e com oração. Foi-me revelado que há entre o nosso povo uma grande falta de conhecimento em relação ao aparecimento e progresso da mensagem do terceiro anjo. Há grande necessidade de estudar os livros de Daniel e Apocalipse e aprender os textos a fundo para que compreendamos o que foi escrito.

Tem-me sido dada concludente luz de que muitos sairiam do nosso meio dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demónios. Por isso o Senhor quer que cada alma que deseja conhecer a verdade tenha um conhecimento inteligente da mesma.

Aparecerão falsos profetas que enganarão a muitos. Tudo o que possa ser sacudido, sê-lo-á: assim, não deverá cada um procurar compreender as razões da sua fé? Em lugar de haver tantos sermões, deveria haver um maior estudo da Palavra de Deus, abrindo as Escrituras texto por texto e procurando as fortes evidências que sustentam as doutrinas fundamentais que nos conduziram ao que somos hoje, sobre a plataforma da verdade eterna.

A minha alma ficou muito triste ao ver quão depressa alguns que ti-

⁽¹⁾ Escrito em 1904; agora há mais de 100 anos.

⁽²⁾ Escrito em 1905.

nam luz e a verdade aceitariam os enganos de Satanás e seriam atraídos por uma falsa santidade...

Há rebelião e apostasia no próprio ar que respiramos. Seremos afectados por elas a menos que com fé ponhamos as nossas almas tão fracas em Cristo. Se os homens são facilmente confundidos agora, como o não serão quando Satanás personificar Cristo e operar milagres? Quem então não será iludido pelas suas falsidades — declarando ser Cristo quando é apenas Satanás assumindo a pessoa de Cristo e aparentemente fazendo as obras de Cristo? Que preservará o povo de Deus de prestar obediência a falsos Cristos? — *Ibid.*, vol. 2, págs. 392-395.

Doutrinas erradas parecerão verdadeiras

Teorias erradas, sem alguma autoridade da Palavra de Deus, aparecerão por todos os lados e aos olhos dos fracos estas teorias se apresentarão como verdades que os farão sábios. Contudo não passam de ninharias. E até muitos membros da igreja ficarão tão satisfeitos com alimento barato que terão uma religião doentia. Porque será que há homens e mulheres que depreciam a sua experiência, dando crédito a contos frívolos e considerando-os como dignos de atenção? O povo de Deus não tem tempo para falar sobre coisas indefinidas, assuntos frívolos que não têm relação alguma com a vontade de Deus.

Deus deseja que os homens e mulheres pensem com sobriedade e candura. Devem ascender a graus cada vez mais elevados buscando horizontes cada vez mais amplos. Olhando a Jesus serão transformados à Sua imagem. Devem gastar o seu tempo procurando as profundas verdades eternas do céu. Então não haverá nada de frívolo na sua experiência religiosa. — *Ibid.*, vol. 1, págs. 171 e 172.

Preparação para os acontecimentos finais

Não falta muito tempo para que o povo de Deus seja chamado a dar o seu testemunho perante os governantes da Terra. Nem um em vinte tem a consciência de quão rápidos

são os passos que estamos dando para a grande crise da nossa história. Os anjos de Deus estão seguindo os quatro ventos e isto leva muitos a gritar — Paz e Segurança —; mas não há tempo para a vaidade, para a frivolidade, para ocupar a mente em assuntos sem importância. Devemos esvaziar o templo da alma de toda a corrupção e deixar o Espírito de Deus tomar completa posse do coração, a fim de que o carácter possa ser transformado. — *Review and Herald*, 26 de Abril de 1892.

Vamos pôr de lado as leituras malsãs e estudar a Palavra de Deus. Confiemos à memória as Suas preciosas promessas para que quando formos desprovidos das nossas Bíblias possamos ainda ter dentro de nós a Palavra de Deus. — *Extraído de Review and Herald*, 6 de Janeiro de 1910.

Não deveis ficar surpreendidos ao constatar que Deus avivará o conhecimento das Escrituras obtido por um diligente estudo nas vossas memórias quando for necessário. Mas se deixardes passar os preciosos momentos do tempo da graça e negligenciardes a tarefa de adornar as vossas mentes e as dos vossos filhos com as jóias da verdade, se não estiverdes familiarizados com as palavras de Cristo, se nunca experimentastes o poder da Sua graça na provação, não podereis esperar que o Espírito Santo vos lembre as palavras de Cristo. Temos que servir a Deus diariamente com um amor não dividido e então confiar n'Ele. — *Ibid.*, 15 de Abril de 1890.

Devemos saber que se a nossa vida estiver escondida com Cristo em Deus, quando formos perseguidos por causa da nossa fé, Jesus estará connosco. Quando formos levados perante os governantes e dignitários para respondermos pela nossa fé, o Espírito do Senhor iluminará o nosso entendimento e seremos capazes de dar um testemunho para glória de Deus. E se formos chamados a sofrer por amor de Cristo, seremos capazes de ir para a prisão confiando n'Ele como uma criancinha confia em seus pais. Agora é a altura de cultivarmos a fé em Deus. *Ibid.*, 3 de Maio de 1892.

Guardadores dos mandamentos na provação

Estão-se esboçando planos e movimentos para escravizar as consciências daqueles que querem ser leais a Deus. Os poderes legislativos estarão contra o povo que guarda os mandamentos de Deus. Cada alma será experimentada. Oh, como todos devemos procurar a sabedoria e pelo ensino e exemplo comunicar essa mesma sabedoria aos nossos filhos!

Cada atitude da nossa fé será combatida e se não formos zelosos estudantes da Bíblia, bem firmados, fortalecidos, decididos, a sabedoria dos grandes homens do mundo será demasiado grande para nós. — *Ellen G. White*, carta n.º 65, 1886.

Estamos prontos?

O fim de todas as coisas está às portas. O dia do Senhor está-se apressando. O mundo está cheio de crime, angústia e sofrimento. Há calamidade na terra e no mar. Tempestades e dificuldades tornam pouco seguro para nós o estarmos separados de Deus por um único momento que seja. Somente aqueles que vivem pela fé, nesta vida de provação, conseguirão ficar de pé no dia da dificuldade, quando tudo o que tiver de ser sacudido, será sacudido; mas eles habitarão em segurança e não serão movidos. Os filhos de Deus devem-se colocar confiada e calmamente nas mãos de Deus e entregarem-Lhe a guarda das suas almas como a um fiel Criador que é. — *The Youth's Instructor*, 19 de Julho de 1894.

Irmãos e irmãs, tendes poder para resistir? Jovens, rapazes e meninas, estais crescendo na estatura de homens e mulheres em Cristo, para que, quando a crise chegar não sejais separados da Fonte da vossa força? Se quisermos resistir no tempo da prova, devemos agora, no tempo da paz, ganhar uma viva experiência nas coisas de Deus. Devemos agora aprender a compreender quais são os profundos desígnios do Espírito de Deus. Cristo deve ser tudo em todos, o Alfa e o Omega, o primeiro e o derradeiro, o princípio e o fim. — *Review and Herald*, 3 de Maio de 1892.

A Expição de Cristo

Por W. G. C. MURDOCH

«Porque se nós, sendo inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida... pelo qual agora alcançamos a reconciliação» (Roma. 5:10,11).

A reconciliação aqui salientada é o tema central do plano da redenção. É a revelação do infinito amor de Deus. Antes da criação deste mundo, Deus e Cristo fizeram um solene contracto entre si para redimir o homem se ele pecasse.

Pela sua desobediência, os nossos primeiros pais cortaram eles próprios o contacto com a Fonte de toda a vida e ficaram em face da aniquilação eterna; mas Deus não os deixou nesta deplorável condição. Depois da catástrofe do pecado, a primeira visão que temos de Deus é a de um amoroso Pai celestial chamando um pecador: «On-de estás?... Comeste tu da árvore?»

A iniciativa de salvar o homem teve de ser tomada por Deus, visto que o homem é incapaz de fazer qualquer coisa para se salvar a si próprio. A reconciliação foi originada por um amor supremo de Deus pelo homem. O plano foi feito entre Deus Pai e Deus Filho. Foi uma iniciativa de Deus para com o homem, não uma iniciativa do homem para com Deus. Deus pleiteou a reconciliação do homem com Ele e não a reconciliação de Deus com o homem. Isto cumpriu-se pela oferta voluntária de Cristo.

«A expiação de Cristo não foi feita para persuadir Deus a amar aqueles que de outra maneira Ele odiaria; e não foi feita para produzir um amor que não existia, mas foi realizada como uma manifestação do amor que já estava no

coração de Deus, uma demonstração do favor divino à vista das inteligências celestes, dos mundos não caídos e de uma raça decaída... Não podemos admitir a ideia de que Deus nos ama porque Cristo morreu por nós, mas deu o Seu Filho unigénito para morrer por nós, porque muito nos amou.» — Ellen White — Signs of the Times, 30 de Maio de 1895.

O significar da Expição

A expiação foi o meio pelo qual foi restaurada a comunicação entre Deus e o homem para que o pecador condenado à morte pudesse ser salvo e ter vida eterna. As palavras em Hebraico usadas no Velho Testamento para designar a expiação, transmitem a ideia de «tapar», portanto «esquecer» ou «perdoar».

Inclui também a ideia de providenciar um substituto, o pagamento de um resgate e o exercer do direito de remissão pelo parente mais próximo. Tudo isto fez Cristo por nós na Sua obra de redenção.

«Ao qual Deus propôs para propiciação pela fé no Seu sangue para demonstrar a Sua justiça para remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus; para demonstração da Sua justiça neste tempo presente, para que Ele seja justo e justificador daquele que tem fé em Jesus» (Rom. 3:25, 26).

Isto foi o que Cristo veio do céu fazer por nós. Nós éramos incapazes de realizar isto por nós próprios e a nossa condição sem Ele era desesperada. «Bem como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate de muitos» (Mat. 20:28).

No Novo Testamento Grego, a raiz de onde deriva a palavra «salvação», tem também uma implicação médica. Salvação significa «cura». Como o médico cuida ternamente do seu doente físico, assim Cristo, o Grande Médico, dá a cura a todo o sofredor do pecado. Ele anunciou isto na Sua cidade natal de Nazaré. «O Espírito do Senhor é sobre Mim, pois que Me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-Me a curar os quebrantados do coração, a apregoar liberdade aos cativos e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos (Lucas 4:18).

A expiação não envolve só o perdão dos pecados mas também a restauração do homem ao seu estado original de harmonia com Deus.

O conceito de substituto ou vigário na expiação mostra devidamente a justiça e santidade de Deus e também realça o amor de Deus pelo homem ao dar o Seu Filho como um Substituto para morrer por ele. Cristo, um com o Pai, tomou sobre Si próprio a natureza humana. Pela Sua condescendência o universo começou a compreender a terrível angústia que o pecado causou a Deus.

Quando começou a expiação

O plano da redenção foi deliberado nos conselhos realizados entre o Pai e o Filho. Então Cristo comprometeu-se Ele próprio a pagar essa dívida pelo homem, se ele fosse desleal. Comprometeu-se a fazer um sacrifício que uniria toda a alma crente a Deus. — Ellen G. White, em Review and Herald, 28 de Maio de 1908.

Logo que o homem necessitou de um substituto, Cristo providenciou-o. Na perspectiva profética os resultados da cruz tornaram-se operantes logo que o homem pecou no Eden.

Através dos negros séculos antes da vinda de Cristo à Terra, os sacrifícios perfiguravam este maravilhoso plano de redenção. Estas primeiras ofertas feitas pelo pecado foram eficazes para a reconciliação, proporcionavam ao suplicante o poder olhar pela fé a morte de Cristo como o Cordeiro de Deus que tira-

ria o pecado do mundo. Assim, este requisito fora feito para aqueles que viveram antes da cruz se salvarem da mesma maneira que aqueles que viveriam depois dela. Há só um meio de salvação, um só Salvador, Jesus Cristo o nosso Senhor. Enoch foi trasladado sem ver a morte por causa da sua fé no sacrifício de Cristo. Moisés foi levantado da morte e levado para o céu pela fé na ressurreição de Cristo, que estava ainda para vir.

Jesus tomou o nosso lugar na cruz e desde que O aceitamos como nosso Salvador entramos em perfeita aceitação perante Deus. A cruz era o ponto central da história do mundo. Era a sublime evidência do amor de Deus pelo homem. Quando Cristo morreu no Calvário, os sacrifícios de todos os séculos encontraram cumprimento no Seu grande sacrifício. «Porque é impossível que o sangue dos toiros e dos bodes tire os pecados» (Hebreus 10:4). Isso somente pôde ser feito pelo sangue de Cristo. «Somente o sangue é eficaz. Somente ele pode fazer propiciação pelos nossos pecados... De dia e de noite o universo celeste sustenta todo o lar que ora e o anjo com incenso, representando o sangue do sacrifício, tem acesso a Deus.» — The SDA Bible Commentary, Comentários de Ellen G. White sobre Apoc. 8:3,4.

Quanto devemos exaltar a dádiva de Cristo na Cruz do Calvário! Este é o fundamento da nossa salvação.

Quão importante é a cruz? O Filho de Deus foi erguido na cruz «para ser o fundamento de todas as pregações feitas pelos nossos ministros.» — Obreiros Evangélicos, pág. 315.

A intercessão de Cristo como Sumo Sacerdote

Depois da vitória no Jardim do Getsemane e o glorioso triunfo da cruz, o adversário ainda tentou manter Cristo na sepultura. Ele sabia que se Cristo não vencesse a morte, o homem estaria irrevogavelmente perdido no pecado. O apóstolo Paulo declara, «e, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé,

e ainda permanecéis nos vossos pecados» (1 Cor. 15:17).

Contudo, Aquele em quem não havia pecado, quebrou os laços da morte e abriu amplamente o sepulcro. Não era possível que Ele pudesse ser presa das cadeias do inimigo. Ele ergueu-se vencedor e ascendeu às cortes da glória como um poderoso conquistador. Os portões do céu estavam livremente abertos e Ele passou rapidamente por eles trazendo consigo um exército de cativos da terra do inimigo. Estes foram os primeiros frutos, os troféus da vitória do Senhor.

Agora o nosso entronizado Sumo Sacerdote tornou-se um «ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem» (Hebreus 8:2). «Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para a Si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio; doutra maneira, necessário Lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo: mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo» (Heb. 9:24-26).

Ele está agora oficiando nas cortes da glória. «Jesus é o nosso grande Sumo Sacerdote no céu. E o que está Ele a fazer? Está fazendo intercessão e expiação pelo Seu povo que acredita n'Ele.» — Testimonies to Ministers, pág. 37.

A dádiva do Espírito Santo no dia de Pentecostes foi o sinal na terra de que Cristo tinha começado o Seu ministério no céu.

«O grande sacrifício tinha sido oferecido e aceite, e o Espírito Santo que descera no dia de Pentecostes, levou as mentes dos discípulos do santuário terrestre para o santuário celeste, onde Jesus tinha entrado pelo Seu próprio sangue, para derramar sobre os Seus discípulos os benefícios da Sua expiação.» — Early Writings, pág. 260.

Ele espera veementemente que aceitamos as providências que tomou para nós. Todo o céu está pronto a receber os filhos de Deus

redimidos, mas nós não estamos prontos para o céu. O carácter d'Aquele que nos redimiu não está ainda perfeitamente desenvolvido em nós e assim a fase final da redenção do homem depende da nossa aceitação do convite Celeste e de recebermos a dádiva que de graça nos é oferecida.

«Enquanto Ele (Cristo) está no céu fazendo a obra de intercessão e expiação começada na Terra, a Sua vida e carácter devem ser exemplificados pela Sua igreja na terra.» — The Spirit of Prophecy, vol. 3, pág. 261.

Como em Israel, «no dia da expiação, o sumo sacerdote, havendo tomado uma oferta da congregação, entrava no lugar santíssimo com o sangue desta oferta e aspergia-o sobre o propiciatório, directamente sobre a lei, para satisfazer as suas exigências.» (Conflito dos Séculos, pág. 309) assim, «o ministério de intercessão de Cristo está decorrendo no santuário em nosso favor, mas quão poucos têm uma verdadeira compreensão de que o nosso grande Sumo Sacerdote apresenta ao Pai o Seu próprio sangue, intercedendo pelo pecador que O aceita como Seu Salvador pessoal. E assim Cristo reclama todas as bênçãos que a Sua aliança inclui como retribuição do Seu sacrifício.» — The SDA Bible Commentary, Comentário de Ellen White a Hebreus 9:11,12.

Quão importante é que compreendamos o que Cristo está fazendo por nós. «Estamos no grande dia da expiação e o sagrado trabalho de Cristo pelo povo de Deus, que se está agora realizando no santuário celeste deve ser o nosso estudo constante. Devemos ensinar aos nossos filhos o que significa o típico Dia da Expição e que era um período especial de grande humilhação e confissão dos pecados perante Deus. O antitípico dia da expiação deve ter o mesmo carácter.» — Testimonies, vol. 5, pág. 520.

A expiação não tem limites

Se os homens se perdem não é porque o nosso Salvador não tenha feito bastante para os salvar. «Por-

tanto, pode também salvar perfeitamente os que por Ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles» (Heb. 7:25).

A dádiva de Cristo é plena e completa. Ele é imparcial em toda a sua conduta com os homens. Todo aquele que quiser vir será limpo dos seus pecados e tornar-se-á um candidato ao céu. «O sacrifício de Cristo inclui toda a família humana. Ninguém, superior ou inferior, rico ou pobre, livre ou cativo, foi deixado fora do plano da redenção.» — Ellen White, carta 106, 1900. (Citado em Questions on Doctrine, pág. 668).

Mas o Senhor não força ninguém. O homem foi dotado de liberdade de escolha e pela sua obstinação e rebelião pode resistir à vontade de Deus. Todo o que aceita o sacrifício de Cristo deleitar-se-á a fazer a vontade de Deus e encontrará a sua maior alegria numa humilde obediência.

«Através do sangue expiatório de Cristo, o pecador foi liberto da escravidão e condenação; pela perfeição do Substituto e Fiador sem pecado, pode correr a carreira da humilde obediência para com todos os mandamentos de Deus.» — Selected Messages, vol. 1, pág. 330.

Seria contraditório que alguém pensasse que pelo facto dos seus pecados passados terem sido perdoados, estaria agora em liberdade para desobedecer ao Seu Salvador que manifestara um tal amor e perdão para ele. A expiação teve por objectivo manter a lei e a autoridade divinas.» — Ellen G. White, manuscrito 163, 1897. (Citado em Questions on Doctrine, pág. 675).

A posição central do trabalho de mediação de Cristo

Quando o grande conflito entre Cristo e Satanás estiver prestes a findar, o tema do santuário Celeste e o ministério de Cristo ocuparão o lugar central na terra como no céu. O ministério de mediação de Cristo é a resposta final à vexatória questão do pecado.

Em breve o Seu trabalho em favor dos pecadores findará. Estamos no tempo do fim e os últimos esforços de Satanás são dirigidos contra o santuário e contra o trono

de Deus. Em breve o fogo do altar será arremessado à terra e a provação terminará.

O som das sete trombetas anunciará o reinado de Cristo. A obra no santuário estará completada. A sentença sairá, «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda. E eis que cedo venho e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra» (Apoc. 22:11,12).

Então será para sempre demorado tarde para aproveitar os be-

nefícios da expiação de Cristo. Não haverá segunda oportunidade para a salvação. «A expiação não necessitará de ser repetida e não haverá perigo de haver outra rebelião no universo de Deus.» — Ellen G. White em Signs of the Times, 30 de Dezembro de 1889.

Enquanto a porta da graça está ainda aberta e enquanto o céu está intercedendo pelos pecadores, agora, é o tempo de cada um de nós aceitar a dádiva da vida eterna que o sacrifício expiatório de Cristo nos providenciou.

(Leitura para Segunda-feira, 12 de Novembro de 1962)

A Certeza do Juízo

Por HARRY W. LOWE

*«O juiz se assentou, abriram-se os Livros;
Havemos nós de subsistir
Quando ante o tribunal divino
Os nossos feitos hão-de vir?»*

HÁ 75 anos que os Adventistas do Sétimo Dia cantam este hino, não porque ele seja um modelo de excelência musical ou poética, mas porque personifica uma das suas doutrinas mais distintivas — o juízo. O juízo não é apenas uma das suas doutrinas distintivas, como também um dos ensinamentos certos da Escritura.

Examinando todas as ideias do Velho Testamento acerca do juízo temporal, é dada uma crescente ênfase à verdade de que ultimamente virá um julgamento final. O «tempo», era para os Hebreus como uma linha entre o princípio e o fim. No fim todos os homens devem aparecer perante Deus e este juízo está associado à vinda do Messias (ver Isa. 11:1-5; Mal. 3:1-5).

Os ensinamentos mais importantes do Velho Testamento exprimem a consciência de um certo e universal julgamento divino: «Deus julgará

o justo e o ímpio; porque há um tempo para todo o intento e para toda a obra» (Ecl. 3:17).

Os grandes pregadores do Novo Testamento estavam igualmente certos do juízo final: «Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal» (11 Cor. 5:10). «E nos mandou (Deus) pregar ao povo, e testificar que Ele (Jesus) é o que por Deus foi constituído Juiz dos vivos e dos mortos» (Actos 10:42).

O apóstolo João associa o julgamento dos mortos com os registos celestes inscritos em rolos ou livros, sendo um destes o livro da vida. «E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros; ... e os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras» (Apoc. 20:12).

João dá também especial relevo à ideia do juízo no seu Evangelho, onde o nome «juízo» e o verbo «julgar» se encontram pelo menos 31 vezes. O seu uso destas palavras parece por vezes paradoxal. Em João 3:17 lemos, «Porque Deus en-

viou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele.» A palavra traduzida por «condenar» pode também ser interpretada como «julgar». Em João 8:15 Jesus disse, «Eu a ninguém julgo», e em João 12:47, «Eu vim, não para julgar o mundo, mas para salvar o mundo.» A Sua função fundamental durante a Encarnação foi salvar, não julgar ou condenar.

O Cristianismo ou Judaísmo são religiões morais que dão ênfase à distinção entre a lealdade e a deslealdade. O Cristianismo anuncia o destino do justo e a sorte do ímpio. A distinção entre estes dois destinos envolve julgamento ou um processo de investigação e execução. Todo o curso do julgamento depende da reacção do homem perante Jesus Cristo. Numa outra passagem do juízo Jesus disse, «E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo» (João 5:22). A palavra Grega «juízo» (krisis) tem neste contexto o significado de autoridade judicial. No verso 27, Jesus diz que o Pai Lhe deu todo o «poder de exercer o juízo». Quando um homem é posto face a face com Jesus Cristo deve, forçosamente, decidir se O aceitará como Remidor agora, ou O enfrentará como o Executor do juízo final de todos os homens. Esta decisão é um grave problema que todo o homem enfrenta nesta vida.

O Senhor Jesus Cristo, em resposta aos ataques dos fariseus quanto à cura de endemoninhados, fez este incisivo comentário a propósito das características e inevitabilidade do juízo futuro: «Mas Eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão-de dar conta no dia do juízo» (Mat. 12:36).

A finalidade dos registos celestes

Estes passos da Escritura, além de referirem as diferentes fases do juízo, são suficientes para mostrarem: (1) que o julgamento de todos os homens é inevitável; (2) que o céu possui uma descrição infalível de cada detalhe de toda a vida humana; (3) que há uma

associação do Senhor Jesus Cristo e de Deus o Pai, na grande obra do juízo. O principal objectivo do juízo é a afirmação de Deus e dos Seus planos de misericórdia para a redenção da humanidade através da justificação do crente (ver Patriarcas e Profetas, pág. 42).

As várias fases do julgamento revelarão infalivelmente os ardis de Satanás. «Todo o universo deve ver o enganador desmascarado.» — Patriarcas e Profetas, pág. 42. Assim será revelada incontestavelmente a evidência da justiça de Deus e «toda a língua confessará a Deus», e «toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai» (Rom. 14:11; Phil. 2:11).

«No livro memorial de Deus toda a acção de justiça se acha imortalizada. Ali toda a tentação resistida, todo o mal vencido, toda a palavra de terna compaixão que se proferir, acha-se fielmente historiadada. E todo o acto de sacrifício, todo o sofrimento e tristeza suportado por amor de Cristo, encontra-se registado.» — O Conflito dos Séculos, pág. 352.

«Há também um relatório dos pecados dos homens», e «os propósitos e intuits secretos aparecem no infalível registo», como parte do plano de Deus para assegurar a justa recompensa às «coisas ocultas das trevas» (Ibid.). Tudo isto terminará na irradiação do mal do universo. Este registo não proverá uma lembrança torturante aos santos. Podemos depor livremente nas mãos de um amoroso Pai Celeste a complexa pergunta do que nos lembraremos e do que esqueceremos na eternidade. Ele tem meios pelos quais os redimidos com «mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime», sem a negra lembrança dos episódios da longa e triste história do pecado e do sofrimento (Ibid., pág. 497).

O contexto do juízo

As palavras do apóstolo João relativas ao juízo, têm um significado especial para os cristãos dos seus dias. A maioria deles tinha um con-

ceito judaico das Escrituras que na parte relativa ao juízo divino se centralizava nos serviços do santuário. Os cristãos incluíram dois novos factores no seu conceito do juízo. Em primeiro lugar, em vez de sacerdotes oferecendo sacrifícios pelo pecado, «diariamente» e «cada ano», a igreja primitiva soube por um acontecimento transcendente, Cristo «uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de Si mesmo» (Heb. 9:26). Isto deu-lhes uma nova compreensão da justificação, reconciliação e expiação através da justiça de Cristo. A cruz era para eles, como para nós, o ponto central da expiação: «Sendo justificados gratuitamente pela Sua graça, pela redenção que há em Cristo Jesus, ao qual Deus propôs para proibição pela fé no Seu sangue, para demonstrar a Sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus» (Rom. 3:24,25). «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo.» «Também nos gloriamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação» (Rom. 5:1,11).

O segundo novo factor na interpretação cristã do juízo, era que numa determinada altura Cristo voltaria para uma solução final de todo o problema de Satanás, do pecado e dos pecadores e para a completa redenção dos Seus santos. A primeira vinda e ascensão do Senhor asseguraram uma segunda vinda e a ressurreição dos santos. «Virei outra vez», prometeu Ele (João 14:3). O primeiro advento, a ressurreição e a ascensão, portanto, deram a certeza de que o juízo universal viria: «Eis que vem com as nuvens, e todo o olho O verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele» (Apoc. 1:7).

Para os primeiros cristãos, nenhuma mensagem sobre o juízo final significava tanto como a de Apoc. 14:6,7. Assim também, para nós, hoje, muito significam os futuros e finais acontecimentos do conflito do pecado entre Cristo e Satanás. A frase «é vinda a hora do Seu juízo» à luz das cerimónias típicas e do cumprimento antitípico,

indubitavelmente envolve o tempo do divino juízo final e o cumprimento dos planos de Deus para eliminar o pecado do Seu universo.

O Tempo do Juízo

Infere-se claramente de Epístola aos Hebreus que a ascensão do Senhor marcou uma nova fase do Seu ministério redentor em favor dos que deviam herdar a salvação. «Visto que temos um grande Sumo Sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus...» (Heb. 4:14).

«Para ali, a fé dos discípulos acompanhou Cristo quando, diante dos seus olhos, Ele subiu ao céu. Ali se centralizara a sua esperança e esta esperança, diz S. Paulo, 'temos como âncora da alma segura e firme, e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor entrou por nós, feito eternamente Sumo Sacerdote'. 'Nem por sangue de bodes e bezerras, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efectuado uma eterna redenção». — Conflito dos Séculos, pág. 309.

Foi o ministério celestial de Cristo «no interior do véu» ou no segundo compartimento do santuário celeste que levou os nossos pioneiros à compreensão das cenas do juízo no Velho Testamento, tal como a de Daniel 7:9, 10: «Eu continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias se assentou: o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamava de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía diante d'Ele: milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante d'Ele: assentou-se o juízo, e abriram-se os livros».

No tribunal celeste «o Ancião de dias é Deus, o Pai» (Ibid., pág. 351). Em Daniel 7:13 é dito: «Eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem: e dirigiu-se ao Ancião de dias». A serva do Senhor comenta assim a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias.

«A vinda de Cristo aqui descrita, não é a Sua segunda vinda à terra. Ele vem ao Ancião de dias, no céu,

para receber o domínio, a honra, e o reino, os quais Lhe serão dados no final da Sua obra de Mediador. É esta vinda e não o Seu segundo advento à terra, que foi predita na profecia como devendo ocorrer ao terminarem os 2.300 dias, em 1844. Assistido por anjos celestiais, o nosso grande Sumo Sacerdote entra no lugar Santíssimo, e ali comparece na presença de Deus a fim de se entregar aos últimos actos do Seu ministério em prol do homem, a saber: realizar a obra do juízo de investigação e fazer expiação por todos os que se verificarem com direitos aos benefícios da mesma». — Ibid. pág. 351 e 352.

A vinda de Cristo ao lugar Santíssimo de Daniel 8:14, a vinda do Filho do homem ao Ancião de dias de Daniel 7:13, a vinda do Senhor ao Seu templo de Malaquias 3:1, e a vinda do Esposo para as bodas de Mateus 25 «são descrições do mesmo acontecimento. «Ibid pág. 313.

Quando em 1844 os desapontados crentes concluíram que a purificação do santuário era um acontecimento que se passava no céu e não na terra, um anjo perguntou a Ellen G. White em visão: «Porventura falhou a Palavra de Deus? Deixou Deus de cumprir as Suas promessas? Não; Ele cumpriu tudo o que prometeu. Jesus levantou-se e fechou a porta do lugar Santo do santuário celeste e tendo aberto a porta do lugar santíssimo entrou aí para purificar o santuário. Todo o que esperar pacientemente compreenderá o ministério.» Early writings, pág. 250.

Estas palavras têm hoje um poderoso significado para os que se tornam impacientes como o passar do tempo e também para aqueles que, como muitos fizeram em 1844, acusam os seus irmãos de serem os causadores da demora. Na verdade, alguns críticos levaram William Miller a combater a verdade do santuário e assim, como Moisés ele «errou quando estava quase para entrar na Terra Prometida». — (Ibid. pág. 258). Hoje não devemos nem perpetrar nem cair vítimas de um tal criticismo destruidor da alma. Estamos demasiado perto do reino para assim procedermos.

O que significa o juízo para a Igreja de hoje

É evidente que antes da Sua segunda vinda o Senhor conhece quem de entre os mortos e os vivos pertence aos Seus santos. Está já determinado quem são os «mortos em Cristo» e quem são os santos vivos que serão «arreatados juntamente com eles nas nuvens» (I Tes. 4:16, 17). As ovelhas e os bodes foram pré-determinados e separados nos conselhos divinos. A igreja foi julgada e considerada digna pela fé no sangue remidor de Cristo. Os actos finais da intercessão na grande obra da expiação pelos santos coincidem com o juízo «começa pelos santos mortos e se continua pelos santos vivos... Assim se estabelecem os súbditos do reino». — Ibid., pág. 280.

«Este juízo investigativo determina quem de entre as miríades que dormem no pó da terra, é digno de ter uma parte na primeira ressurreição e quem da multidão dos vivos, é digno da transladação. (I Pedro 4:17, 18; Dan. 7:9, 10; Apoc. 14:6, 7; Lucas 20:35)». — Manual de Igreja. (1959).

O nosso Redentor está perante a arca do concerto «fazendo a Sua intercessão final por todos aqueles para quem a graça ainda se prolonga». Early Writings, pág. 254. Ninguém a não ser aqueles cuja fé se apropriou dos méritos da expiação de Cristo, e cujas vidas estão por isso cobertas com as imaculadas vestes da Sua justiça, pode suportar o prescrutador teste. Cristo cumpriu o concerto da graça e satisfaz as exigências da santa lei de Deus e aqueles cuja fé se centraliza n'Ele podem estar certos da salvação.

A declaração final do Salvador ao concluir o Seu ministério celeste é na verdade terrível para o ímpio e maravilhosa para o justo: «Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo faça justiça ainda; e quem é santo seja santificado ainda». (Apoc. 22:11) ver Early Writings, págs. 250-253.

Quererá esta declaração de santidade significar que os santos na terra possuem natural e absoluta

perfeição sem pecado adquirida pela sua obediência à santa lei de Deus? Alcançá-la-ão eles repentinamente, no final da mediação de Cristo?

Em 1888, quando a justificação pela fé e a perfeição cristã eram muito discutidas, a serva do Senhor escreveu estas palavras em «Signs of the Times», de 23 de Março: «Ao vermos melhor a imaculada e infinita pureza de Cristo, devemos sentir como Daniel, quando contemplou a glória do Senhor e disse, «É transmutou-se em mim a minha formosura em desmaio». Não podemos dizer, 'não tenho pecado', até que este corpo vil seja transformado segundo o Seu corpo glorioso. Mas se perseverarmos em seguir a Jesus, possuiremos a bem-aventurada esperança de estarmos perante o trono de Deus, sem mácula, nem coisa semelhante; seremos perfeitos em Cristo, vestidos com a Sua justiça e perfeição».

Falando da perfeição Cristã em «O Desejado de Todas as Nações», pág. 264, a Sra. White escreveu assim: «Tendes de Me servir de testemunhas na terra, canais por onde a minha graça possa fluir para cura do mundo. Assim, serei o vosso representante no Céu. O Pai não vê o vosso carácter defeituoso, mas olha-vos revestidos da minha perfeição».

Numa vida consagrada, não há nem lugar, nem desculpa para o pecado. Se passarmos a experiência de ser limpos do pecado, permaneceremos entre os remidos como as seguintes belas palavras nos mostram: «Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade emerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça». — Parábolas de Jesus, pág. 312.

Irmãos e Irmãs, não devemos estar à espera que a refrescante chuva serôdia caia repentinamente. O povo de Deus, «não deve olhar para o futuro, pensando que em algum tempo por vir, será feito um grande trabalho por ele; porque a obra já

está completada». — Selected Messages, vol. I, págs. 394 e 395.

Devemos render-nos diariamente à graça do nosso vitorioso Senhor, pois que, aqueles que recebem o selo do Deus vivo e estão protegidos no tempo da angústia, devem reflectir plenamente a imagem de Jesus». — Early Writings, pág. 71.

(Leitura para Terça-feira, 13 de Novembro de 1962)

A Justiça de Deus Pode Ser Nossa

Por F. G. CLIFFORD

A justiça é um dos atributos de Deus. Desde o advento do pecado que toda a humanidade é injusta por natureza. Isto explica porque é que o homem no seu estado pecaminoso não pode habitar na presença de Deus.

O plano da salvação prepara o homem para viver para sempre com o Senhor. Desfaz a acção de Satanás na vida e estabelece as obras de Deus. Destroí a imagem do mal e restaura a imagem de Deus. Para entrar na Nova Jerusalém o homem precisa de ser inteiramente justo. O milagre de Deus, realizado pelo novo nascimento é tornar puras as coisas impuras. Ser nascido de Cristo é tornar-se inteiramente justo.

Alcança-se esta experiência pela fé. O pecador atraído pelas cordas do amor de Deus, confessa o seu pecado, reconhece a sua incapacidade própria para vencer, suplica o perdão e ajuda divinos. A vida passada torna-se inteiramente justa uma vez que Cristo toma o lugar do pecador. A alma arrependida permanece perante Deus como se nunca tivesse pecado. Pois, uma vez que Cristo é inteiramente justo, a alma arrependida, aceite por Deus em Cristo, é também inteiramente justa.

As seguintes palavras da serva do Senhor claramente estabelecem esta verdade. «A justiça de Cristo é aceite em lugar da fraqueza hu-

mana; e Deus recebe, perdoa, justifica e trata a alma arrependida e crente como se fosse justa, e ama-a como o Seu Filho». — Ellen G. White em Review and Herald, 4 de Novembro de 1890.

O apóstolo João exprime a mesma verdade sublime. «Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça» (1 de João 1:9).

Esta experiência da lavagem e da justificação não se limita à altura do novo nascimento. Pode repetir-se em todos os momentos de crise. Só tem limites na imensurável graça de Deus.

A justificação não só apaga as culpas do pecador e o considera sem pecado, como também o declara justo assim como Deus é justo. «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:21).

O filho de Deus é chamado a viver num mundo cheio de pecado. Cada dia tem de decidir entre o bem e o mal. Entregue a si próprio sairá vencido, mas Deus tomou providências para todas as situações. A justificação em Cristo, que foi feita nossa justiça, está pronta a ser comunicada. «Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vi-

vo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a Si mesmo por mim» (Gál. 2:20). A submissão diária à graça de Deus, a diária aceitação da Sua graça — isso é justiça recebida pela fé.

A justificação pela fé é uma necessidade universal

Uma vez que todos nasceram em pecado, todos necessitam de um Salvador — porque, «não há um justo, nem um sequer» (Rom. 3:10). Todos necessitam da justiça de Deus, porque o Deus dos céus decretou que nenhum injusto pode herdar o reino de Deus (I Cor. 9:9).

Aqui está pois o universal remédio de Deus. «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (II Cor. 5:20). Esta justiça de Deus através de Cristo é livremente oferecida a todos.

A verdade da justificação pela fé não é pertença exclusiva de uma época particular da igreja. Tem sido a verdade presente em todos os séculos e é-o ainda hoje. Todas as pessoas desde o justo Abel até aos que serão remidos da terra quando Jesus vier terão igualmente gozado essa bemaventurada experiência. É o facto básico e a maneira de actuar do plano da salvação.

A doutrina da justificação pela fé não é tão profunda que apenas uns quantos sejam capazes de a compreender. O nosso Pai tem tomado providências para que todas as almas se salvem. O plano da Redenção pode ser compreendido pelos iletrados, por aqueles cujos antepassados têm permanecido nas trevas. A incapacidade de compreender a verdade da justificação pela fé, não é causada por uma falta de estudos ou discernimento, mas sim pela dureza de coração e pelo orgulho da opinião própria. Não se necessita mais conhecimento mas sim humildade.

Há um perigo sempre presente de um desvio da dependência da justificação pela fé, para a justificação pelos próprios esforços. A justificação das obras satisfaz o coração humano, mas não é acei-

tável a Deus. Para Ele são trapos de imundície. Devemos vigiar e orar para que não caiamos no perigo de nos cobrirmos com o manto das nossas próprias obras. Abraão e Sara desviaram-se da justificação pela fé para a justificação pelas obras quando viram em Ismael o herdeiro prometido. A palavra inspirada relata a sua final vitória pela fé.

«Pela fé também a mesma Sara recebeu a virtude de conceber, e deu à luz já fora da idade; portanto teve por fiel Aquele que lho tinha prometido» (Heb. 11:11). De Abraão é dito: «O qual, em esperança, creu contra a esperança que seria feito pai de muitas nações, conforme o que lhe fora dito: assim será a tua descendência. E não enfraqueceu na fé, nem atentou para o seu próprio corpo já amortecido do ventre de Sara. E não duvidou da promessa de Deus por incredulidade mas foi fortificado na fé, dando glória a Deus» (Rom. 4:18-20).

Na igreja apostólica, na do deserto, e na de hoje, a controvérsia entre a justificação pela fé esteve e ainda está presente.

Justificação pela fé não é contrária à obediência. Coloca o pecador numa posição em que a obediência é a única agradável maneira de viver. O coração é transformado pela graça divina, portanto «deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus meu; sim, a Tua lei está dentro do meu coração» (Salmos 40:8). Quando vivemos pela fé, Deus, opera em nós tanto o querer como o efectuar segundo a Sua boa vontade (ver Filip. 2:13).

Quando em pecado, somos adversários da justa vontade de Deus revelada. «Todos os Teus mandamentos são justiça» (Salm. 119:172). «Porquanto a inclinação da carne... não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser». Quando nos colocamos em Cristo colocamos-nos no caminho da obediência, pois o próprio Cristo afirma: «Tenho guardado os mandamentos de Meu Pai» (João 15:10). O crente não pratica obediência para ser salvo por ela, mas como um resultado de ter sido salvo. «Porquanto o que era impossível à lei, visto como

estava enferma pela carne, Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito» (Rom. 8:3,4).

A Lei em relação com a Graça

Os Adventistas do Sétimo Dia têm sempre sustentado vigorosamente a crença de que as reivindicações da Lei de Deus se referem a todos os homens. Sempre acreditaram também firmemente ser a fé em Cristo como Substituto e Redentor do homem, a única esperança do pecador e a única esperança para um mundo perdido. Sempre consideraram Cristo como o Criador do homem, seu Redentor, seu Intercessor, e seu Salvador que em breve virá. Contudo, ao defendermos a Lei de Deus temos atraído sobre nós uma oposição muito considerável. Para enfrentar essa oposição temos sempre reagido dando uma ênfase ainda maior à necessidade da obediência. Por vezes essa tendência tem levado a negligenciar a pregação da fé no Senhor Jesus e a um escurecimento da grande verdade da justificação.

Esta era a situação em meados da oitava década do século passado, altura em que o Espírito de Profecia salientou a importância da verdade central da justificação pela fé. A situação de afastamento dessa verdade manteve-se enquanto essa ênfase não foi dada. Desta experiência escreve a Irmã Wihte: «O Senhor, na Sua grande graça, enviou uma preciosa mensagem ao Seu povo através dos Irmãos Waggoner e Jones. Esta mensagem salienta perante o mundo o Salvador crucificado pelos pecados do mundo inteiro. Apresenta a justificação pela fé no Remidor e convida o povo a receber a justiça de Cristo manifestada numa obediência perfeita a todos os mandamentos de Deus. Muitos, que têm perdido de vista a Jesus, precisam ter os seus olhos dirigidos para a Sua Pessoa divina, para os Seus méritos e para o Seu imutável amor pela família humana. As Suas mãos possuem todo o

poder para distribuir ricos dons aos homens, comunicando a dádiva sem preço da Sua própria justiça ao desamparado agente humano. Esta é a mensagem que Deus ordenou que fosse dada ao mundo. É a mensagem do terceiro anjo que deve ser proclamada com grande voz e acompanhada do derramamento do Espírito Santo em larga medida». — Testimonies to Ministers, págs. 91, 92.

Muito tem sido escrito relacionado com a reacção dos nossos dirigentes e do nosso povo perante o reavivamento da mensagem da justificação pela fé, em 1888. Têm sido postos em circulação relatos distorcidos tendentes a fazerem crer que a igreja rejeitou esta preciosa verdade.

Contudo, quando esta mensagem foi apresentada ao nosso povo através do mundo, muitas, muitas almas se regozijaram na Sua luz e poder. Gradualmente a oposição foi diminuindo e nas sessões da Conferência Geral que se seguiram durante muitos anos depois de 1888, os dirigentes da igreja escolheram oradores que apresentaram esta verdade com renovada insistência.

Deve ser salientado que este reavivamento na apresentação da verdade básica, não foi olhado pelo nosso povo como uma nova luz ou uma adição às verdades em que já acreditavam. A Irmã White salientou que muitos tinham perdido de vista a Jesus e admoestou particularmente os nossos pregadores a não apresentarem essa verdade como uma nova luz. Notemos o seguinte: «Os obreiros da causa da verdade não devem apresentar a justiça de Cristo como uma nova luz, mas como uma preciosa luz que durante algum tempo foi perdida de vista pelo nosso povo». — Selected Messages, vol. I, pág. 384.

Que esta mensagem tem um lugar bem estabelecido nos ensinamentos da igreja, é evidente, dada a sua inclusão em linguagem clara na nossa declaração de crenças fundamentais tal a encontramos no Year Book, Manual de Igreja, Certificado de Baptismo, Lições da Escola Sabatina, e em muitos capítulos e artigos constantemente em

circulação nos nossos livros e periódicos. Provavelmente a mais simples e compreensiva explicação desta verdade do evangelho encontra-se no livro 'Aos pés de Cristo'. Este livro foi escrito pela serva do Senhor logo após o reavivamento da justificação pela fé no nosso meio e A. T. Jones apresentou-o à sessão da Conferência Geral de 1893 como o manual dado por Deus sobre este assunto. O facto deste livro gozar da maior circulação de todas as publicações da igreja, é também outra evidência de que a igreja através dos anos e agora, acredita e ensina esta verdade vital. Esta Semana de Oração é uma nova oportunidade de renovarmos a nossa crença na justificação pela fé. Todos necessitamos compreender o que Cristo fez por nós. Deixar que Ele realize o Seu efectivo trabalho em nós, é uma necessidade invariável. Devemos não só conhecer a justificação pela fé, como também experimentá-la como norma de vida. Por uma completa e alegre rendição da nossa vida podemos responder à oração do apóstolo Paulo.

«Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo... para que Cristo habite pela fé nos vossos corações; a fim de, estando arreigados e fundados em amor, poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus» (Efes. 3:14-19).

À medida que nos aproximamos do fim, a justiça de Cristo será mais plenamente revelada nos Seus seguidores. «Porque o Senhor executará a Sua palavra (obra) sobre a terra, completando-a e abreviando-a» (Rom. 9:28). Quem pode duvidar que isto se está tornando uma realidade viva na igreja, à medida que milhares de pagãos estão sendo tão rapidamente transformados pela graça divina?

Quão felizes nos devemos sentir de que à igreja remanescente tenha sido dada a tarefa de proclamar a todo o mundo o evangelho eterno da justificação pela fé!

(Leitura para Quarta-feira, 14 de Novembro de 1962)

Evangelizando o Mundo para Cristo

Por F. L. PETERSON

«E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim» (Mat. 24:14). O grande objectivo que a igreja de hoje tem de alcançar é a conclusão da tarefa de pregar o Evangelho em todo o mundo para que Jesus possa cumprir a Sua promessa de voltar a esta terra e pôr um fim ao reino do pecado. A nós, como povo, cumpre-nos realizar a obra de iluminar a mundo com a glória de Deus.

Quando começou o Seu ministério público na terra, Jesus foi

«pregando o evangelho do reino de Deus e dizendo: o tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crêde no Evangelho» (Marcos 1:14, 15). «Ao ascender, Cristo deixou a igreja e todos os Seus interesses, como sagrado depósito aos Seus seguidores.» — Obreiros Evangélicos, pág. 200.

A mensagem do evangelho chama ao arrependimento, ao afastamento do pecado, ao desejo de ser guiado pela vontade de Deus e à crença na boa nova de que o Messias já veio. Requer uma mudança

de coração, uma modificação nos propósitos de vida de cada um. Aqueles que seguem a Jesus tornam-se membros do reino da graça e Cristo passa a poder enviá-los a levar o evangelho a todo o mundo preparando os corações para a vinda do reino da glória.

Deus reunirá de entre todas as nações da terra um povo que se humilhará perante Ele e que considerará como a maior honra viver e, se necessário morrer por Ele. Terá assim um povo preparado para a Sua segunda vinda.

Entre os que aceitaram Jesus como o Messias, o Seu ministério não foi infrutífero. A Sua vinda foi divinamente ordenada e em chegando a «plenitude dos tempos» Ele veio. Por meio da Sua vinda foi restabelecida a paz entre a terra e o céu e inaugurada a cruzada final contra o mal, Ele veio lutar contra o pecado através da pregação do evangelho eterno.

«O zelo em favor de Deus e Sua causa impulsionou os discípulos a dar testemunho do evangelho com grande poder. Não deveria um zelo tal inflamar nossos corações com a determinação de contar a história do amor redentor de Cristo e Este crucificado? É o privilégio de todo o cristão não somente aguardar, mas apressar a vinda do Salvador». — Actos dos Apóstolos, pág. 600.

A última mensagem de advertência a um mundo moribundo está sendo levada hoje a toda a terra com renovado poder e uma messe tremendamente abundante de almas está sendo recolhida. Uma vez mais a norma da lei de Deus está sendo exaltada entre as nações da terra e sendo pregadas as alegres novas da salvação em Cristo.

Quem viaja pelos campos de além-mar e vê a maravilhosa maneira como Deus usa os Seus mensageiros, não encontra em sua alma nenhuma hesitação em exclamar com o profeta Isaías: «Quão suaves são sobre os montes os pés do que anuncia as boas novas, que faz ouvir a paz, que anuncia o bem, que

faz ouvir a salvação, que diz a Sião: O Teu Deus reina!» «Is. 52:7).

Da Divisão Norte Europeia vêm-nos as seguintes regozijantes palavras:

«O trabalho na Divisão Norte Europeia apresenta-nos um aspecto fascinante e de desafio, uma vez que realiza a obra de Deus na Groenlândia, no extremo norte, à Etiópia e África Ocidental, no Equador. O presente número de membros baptizados é de 65 000, sendo de 36 000 quando a Divisão foi reorganizada em 1950.

«Partindo da sua terra natal — as conservadoras Ilhas Britânicas, a Holanda e a Escandinávia incluindo a Finlândia — os missionários têm ido e ainda continuam a ir, para os distantes campos missionários, como médicos, enfermeiras, professores, administradores e evangelistas. Um relatório recente indica que em dois anos, trinta novos missionários deixaram as suas terras para irem trabalhar na África Ocidental e na Etiópia. Deus tem abençoado o seu sacrificado trabalho, ao lado dos nossos dedicados obreiros nativos desses campos.

«Nos últimos anos tem-se efectuado uma boa colheita nesses campos. O Pastor Odd Jordal, secretário da Missão Interior da divisão, em seguida a uma recente visita à Etiópia escreveu: «O nosso trabalho na Etiópia está gozando de um período de grande progresso. Os escritórios da União em Kabana, nos subúrbios da capital, Addis Abeba, são o centro nervoso desta expansão. Automóveis, jeeps, landrovers e camiões, andavam numa roda viva, especialmente durante as assembleias da conferência, levando suprimentos para os diferentes hospitais e escolas missionárias. Nos últimos três anos alcançou-se o maior número de sempre de baptismos na Etiópia e o número de membros da igreja mais do que duplicou.

«Na África Ocidental, o número de membros baptizados é agora su-

perior a 25 000 e há cerca de 62 mil membros da Escola Sabatina.

«O nosso florescente programa médico-missionário pede uma tão grande quantidade de médicos e enfermeiras, que é praticamente impossível satisfazê-lo. Verdadeiramente a seara é grande mas os obreiros são poucos.»

O Dr. Warren Harrison, um médico adventista que acaba de cumprir uma missão ao serviço do Governo do Ghana, escreve-nos da Nigéria:

«Estou trabalhando aqui numa das nossas maiores instituições médicas em África. Vim aqui apenas para dar uma ajuda durante alguns dos meses das minhas férias. Mas o Dr. Gard, que primitivamente fazia aqui a cirurgia geral, teve de partir prematuramente, de maneira que a direcção da União pediu-me que o substituisse.

«Estou certo de que poucas pessoas compreendem as tremendas possibilidades do trabalho das missões. O tempo é curto, há tão poucos obreiros e tanto para realizar! Os africanos aguardam e suplicam auxílio cristão e tão poucos respondem ao apelo!»

A Divisão Sul-Africana, com os seus mais de 183 000 membros, está vibrando por Deus. Para os nossos crentes africanos a verdade é mais do que uma simples teoria. Vamos partilhar convosco duas experiências:

«Phineas Munyori, era um dos nossos fieis pastores no território norte de Ruanda. À medida que os acontecimentos se inclinavam para a independência, os juizes africanos passaram a ter responsabilidades progressivamente maiores. O Pastor Munyori foi nomeado juiz e em breve demonstrou ser um homem íntegro e justo, respeitado por todos os membros da comunidade. O próprio administrador testificou que, enquanto que antes do Pastor Munyori ter sido nomeado, havia sempre uma grande quantidade de casos a serem tratados no tribunal,

a partir dessa altura as coisas tinham entrado na ordem, e o povo aprendera a respeitar este novo juiz insensível ao suborno e à intimidação.

«Contudo, o Pastor Munyori não se sentia feliz e há já alguns meses que decidiu regressar ao trabalho para o qual Deus o tinha chamado. O seu salário de juiz era muitas vezes superior ao de ministro adventista do sétimo dia. Contudo ele reputou essas vantagens materiais assim como a honra da posição, como nada, comparadas com o privilégio de ser coobreiro do seu Salvador. O Pastor Munyori foi nomeado evangelista da União de Ruanda-Urundi em Janeiro de 1962 e estamos certos que Deus o utilizará poderosamente.

«Na região dos Kuria, perto da fronteira do Quénia com o Tanganica, vivia um pagão que era cego. Este homem, embora vivesse ainda nas trevas do paganismo, sentia um profundo desejo de conhecer o verdadeiro Deus e de O seguir.

«Uma noite, num sonho, o Senhor revelou-lhe que o povo que tem a verdadeira mensagem de Deus, iria à sua aldeia e realizaria reuniões debaixo da copa de uma bem conhecida figueira brava. Algum tempo depois apareceram na aldeia um grupo de cristãos que começaram a realizar reuniões. Quando lhe contaram isso o cego perguntou: «Onde é que eles fazem as reuniões?» «No centro da aldeia», foi a resposta. «Então, retorquiu o cego, não são o verdadeiro povo de Deus».

«Nos meses que se seguiram, várias outras denominações foram à aldeia. De todas as vezes o cego que procurava a verdade se entristecia quando lhe respondiam que as reuniões não eram realizadas debaixo da figueira brava. Finalmente um grupo de jovens adventistas do sétimo dia foi à aldeia para realizar reuniões, que se efectuaram debaixo da figueira que tinha sido mostrada ao cego no seu sonho. Os seus

amigos apressaram-se a dar-lhe a notícia.

«Estes são o verdadeiro povo de Deus!», exclamou, enquanto tateava o caminho até ao local da reunião. À medida que as reuniões se desenrolavam, o cego e vários dos seus amigos, escutavam atentamente, e quando foi feito o apelo para uma decisão, muitas mãos se levantaram. Recentemente foi organizada uma nova igreja com 61 membros nesta aldeia, onde Deus estabeleceu o Seu trabalho através de um sonho.»

Diz-nos um relatório da Divisão do Médio-Oriente: «Em resposta às fervorosas preces dos Seus Filhos, o Senhor permitiu que a juventude adventista do Egipto, Iraque e Jordânia, faça os seus exames nas escolas oficiais noutros dias que não sejam Sábado. Cada caso destes era antes um milagre. E, embora as circunstâncias fossem diferentes em cada país, sempre se via a mão de Deus nos resultados obtidos. Este assunto foi tema de oração durante muitos anos, dado que se as crianças e jovens não fizessem esse exame oficial não podiam prosseguir na sua educação. Não havia futuro para eles. E realmente significa alguma coisa permanecer fiel ao Sábado em face de tão opressivo desapontamento. Mas Deus ainda honra os Seus filhos que oram.»

E. H. Olson relata-nos o seguinte da Divisão Sul-Americana:

«Aqui na Divisão Sul-Americana temos sido grandemente encorajados durante os últimos meses ao notar o progressivo interesse e actividade dos nossos obreiros em geral e também dos membros leigos da igreja, na obra da evangelização. Sentimo-nos felizes porque as portas estão amplamente abertas nos nossos oito países, sem que haja qualquer restrição às actividades evangelísticas, ao trabalho da col-

portagem, ou, em suma, a qualquer faceta do nosso programa denominacional.

«Os leitores da revista da Semana de Oração gostarão, por certo, de saber que nos princípios de 1961 se realizou na igreja central de S. Paulo uma invulgarmente grande cerimónia baptismal de 146 pessoas. Foi uma agradável surpresa constatar que antes do fim de 1961, sem que tivesse havido a preocupação de os agrupar para realizar uma grande cerimónia baptismal, 274 pessoas foram baptizadas por 24 pastores, que oficiaram juntos numa notável cerimónia, realizada num recinto público de recreação especialmente preparado para o efeito. Em S. Paulo realizam-se semanalmente reuniões em cada uma das 61 igrejas ou grupos das várias zonas desta cidade, que tão rapidamente cresce. Nesta Conferência, foram baptizadas cerca de 2000 pessoas em 1961.

«Na Missão da Bolívia, todos os obreiros estão activamente empenhados na evangelização e cerca de 1200 pessoas foram baptizadas durante o ano.

«O trabalho das nossas lanchas médico-missionárias, que são agora em número de 12, tem sido grandemente abençoado. Milhares de pessoas estão não só recebendo ajuda física, mas também respondendo à mensagem e sendo baptizadas. Como resultado do trabalho da lancha «Samaritana», que opera num dos nossos rios, foram baptizadas em 1961 pelo menos 60 pessoas.»

Como vimos, a história do trabalho com Cristo é sempre a mesma, qualquer que seja o país da terra que se considere dos 196 em que os nossos missionários interpretam a doutrina do evangelho à luz da fraternidade cristã. Poucos países há, já, em que o trabalho não tenha ainda sido estabelecido. Que durante esta Semana de Oração possamos reconsecrar as nossas vidas à finalização da obra, para que Jesus possa vir.

Está Deus no Vosso Orçamento?

Por THEODORE CARCICH

UMA coisa é certa — Deus tem-vos no *Seu* orçamento. Já vos ocorreu alguma vez a ideia de que Deus colocou no solo uma tremenda quantidade de azoto, fósforo, potássio, magnésio, enxofre, ferro, cobre, zinco, manganésio, para sustentar a vossa vida? Sem estes e outros elementos nem as plantas nem os animais poderiam sobreviver.

Já pensastes quão necessários são a copiosa chuva e os quentes raios do sol para que possais ter o vosso pão quotidiano? O alimento que comemos cada dia é tido muitas vezes como coisa certa, mas se Deus durante algum tempo suspendesse a chuva e o sol, seguir-se-iam a fome e a morte.

O custo dos elementos que Deus derrama sobre cada hectare de terreno transcende tudo quanto possamos imaginar. Contudo, Deus dá essas bênçãos, sem distinção, e apenas pede o dízimo, ou um décimo, em troca. «O dízimo será santo ao Senhor». Também todas as dízimas do campo, da semente do campo, do fruto das árvores, são do Senhor: santas são ao Senhor» (Lev. 27:32,30).

Quando Deus criou este mundo, encheu-o de todas as coisas necessárias para o conforto e vida do homem. Olhai ao vosso redor e vêde quão maravilhosamente Deus nos incluí a todos no Seu orçamento. As providências e planos do Criador tornam hoje a nossa existência possível. Com Paulo exclamamos: «Ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas» (Actos 17:25).

«Todas as coisas vêm de Ti, Senhor;

E da Tua mão to damos.»

Tendo em vista a citada verdade considerai o vosso orçamento semanal ou mensal. Incluí a Deus nele, ou porventura O deixais de fora? Uma vez que Deus vos incluí nas

Suas providências, não vos lembraeis vós d'Ele nas vossas? Quando reconhecemos a bondade de Deus, somos levados a «honrar ao Senhor com a nossa fazenda e com as primícias de toda a nossa renda» (Prov. 3:9).

Todos nós possuímos os nossos meios de subsistência, poucos ou muitos, e partindo de tal base elaboramos o nosso orçamento semanal ou mensal. Estão o dízimo, as ofertas da Escola Sabatina e o sustento da igreja, à cabeça do vosso orçamento? Vêm estas coisas no princípio ou no fim da vossa lista ou são elas completamente esquecidas? Uma vez que Deus não se esquece nem passa por cima das nossas necessidades diárias, devíamos evitar o descuido no referente às Suas directrizes em relação aos dízimos e ofertas.

A Escritura ordena que honremos ao Senhor com as «primícias» de toda a nossa renda, não com os restos. Isto significa que Deus deve ser incluído no orçamento de todas as famílias. Significa também que, se colocarmos o que Deus pede à cabeça da lista, as Suas bênçãos cairão sobre as restantes provisões do orçamento.

Tem sido provado muitas e muitas vezes que nove décimos de um escudo com a bênção de Deus valem mais do que dez décimos sem a Sua bênção. Que cada homem seja leal para com o seu Deus devolvendo-Lhe fielmente um dízimo honesto e poderá então esperar que Deus trabalhe em seu favor. Não se trata de uma afirmação ociosa, mas de um facto confirmado por experiências sem conta e sustentado pela promessa do próprio Deus.

Sempre que se dá a um cristão oportunidade ele testifica vigorosamente da verdade do seguinte texto: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro para que haja manutimento na minha casa, e depois fa-

zei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância» (Mal. 3:10).

É Deus injusto ao pôr este requisito? Porque quer Ele que sistematicamente coloquemos os nossos dízimos e ofertas no tesouro da igreja? Deixemos a serva do Senhor responder a estas duas perguntas.

Lemos: «Assim o Senhor nos concedeu o mais rico tesouro do céu ao nos dar a Jesus. Com Ele deu-nos juntamente todas as coisas. As riquezas da terra, as abundantes colheitas, os tesouros de ouro e prata, são Suas dádivas. Casas e terras, alimento e vestuário, foram colocados por Ele em poder do homem. Pedem-nos que O reconheçamos como o Dador de todas as coisas e por esta razão Ele diz: De todas as vossas posses Eu reservo um décimo para Mim, além dos dons e ofertas que devem ser trazidos à minha casa. Estas foram as provisões que Deus fez para que a obra do evangelho fosse levada avante.» — Counsels on Stewardship, pág. 65.

Nenhum homem gosta de ser classificado como ingrato mas como podemos nós cognominar uma pessoa que aceita livremente as bênçãos de Deus e que recusa reconhecer essas bênçãos devolvendo um dízimo honesto? Como a classificará Deus?

Ninguém deve julgar o seu irmão neste assunto, mas podemos ouvir o que Deus tem a dizer: «Roubará o homem a Deus?» O próprio Deus responde à pergunta nas seguintes palavras: «Todavia vós me roubais, e dizeis: em que Te roubámos? Nos dízimos e nas ofertas alçadas» (Mal. 3:8).

Somos Gratos?

Como cristãos redimidos, gratos pela incomparável graça de Cristo, agradecidos pelas abundantes providências que Deus toma para as nossas necessidades diárias, devíamos devolver a Deus aquilo que Lhe pertence — o dízimo. O homem que dá um dízimo honesto não é um ladrão. O que o não dá

é um ladrão. A única maneira de evitar ser classificado como um ladrão é deixar de roubar a Deus.

Que o rico e o pobre dêem os seus dízimos de acordo com os seus bens, e nem um nem outro deve sentir que os seus dízimos e ofertas são indignos de menção. Não é a grandeza ou a pequenez do dom que o torna aceitável a Deus, mas a fidelidade e o amor que o acompanham. O plano do dízimo não é um fardo pesado para o pobre ou para o rico e, quando obedecido no amor de Deus, torna-se uma grande bênção.

Os cristãos não devem protelar o pagamento dos seus dízimos ou ofertas, pensando que podem lembrar-se da causa de Deus no seu último testamento ou desejo. A vida é frágil e passageira, como diz o salmista: «A duração da nossa vida é de setenta anos», «e acabam-se os nossos anos como um conto ligeiro» (Salmos 90:10,9). Durante este breve momento de vida o homem pode consolidar e desenvolver as suas posses, mas no fim do caminho a morte tira-lhe tudo o que acumulou.

Louco é o homem que não pensa que «quando morrer nada levará consigo» (Salmos 49:17). Isto é uma verdade quer para o rico quer para o pobre. Independentemente da posição que ocupa na vida, ninguém pode fugir ao destino final: «Como saiu do ventre de sua mãe, assim nu voltará, indo-se como veio; e nada tomará do seu trabalho, que possa levar em sua mão» (Ecl. 5:15).

Deve isto desencorajar-nos e impedir-nos de lutar? De maneira nenhuma! É nosso privilégio decidir o que a morte virá a significar para nós. Pensemos nos três seguintes factores a considerar:

1. *O que temos de deixar atrás de nós ao morrer.* É óbvio que todos os nossos bens terrestres têm de um dia ser deixados a outros. Nos obituários muitas vezes lê-se: «Fulano de tal morreu e deixou...» Quer seja muito ou pouco é tudo deixado a outros.

Além disso, deixamos atrás de nós a reputação que a nossa vida construiu. Depois de partirmos, os nossos nomes serão associados com

a sabedoria ou a loucura; a generosidade ou a avareza, a gentileza ou a agressividade, a integridade ou desonestidade. Tudo isto não pode ser removido ou mudado pela morte. Constitui o nosso mais importante legado e a sua qualidade atrairá sobre a nossa memória a bênção ou a maldição.

2. *O que podemos deixar atrás de nós.* A riqueza e os bens adquiridos no decorrer da vida pertencem-nos pelas bênçãos de Deus. É Deus que dá ao homem «força para adquirir poder (riqueza)» (Deut. 8:18). Se bem que seja preferível que o homem torne úteis grande parte dos seus bens em vida, enquanto os pode administrar, deve contudo, também, tomar providências que assegurem o seu uso construtivo depois da sua morte. Constitui um descuido criminoso aumentar a tristeza da morte com a negligência em providenciar pelo futuro dos entes queridos e pelas necessidades da causa de Deus.

Cada homem que tem mulher e filhos deve tomar providências para o seu futuro. E o melhor que ele pode fazer pelos outros parentes, não é suprir os seus desejos ou satisfazer-lhes os caprichos e fantasias, mas ajudá-los a bastarem-se a si próprios.

Ao estabelecerem as suas últimas disposições, os cristãos não de-

viam deixar Deus de fora. Ainda lúcidos deviam escolher uma faceta ou instituição da obra de Deus para beneficiária dos seus bens. Poderia ser a igreja local, a união, a escola, o colégio, o hospital denominacional, as actividades evangélicas ou os campos missionários. Cada membro da igreja ao fazer as suas últimas disposições, devia aconselhar-se primeiro com o presidente ou o tesoureiro da sua União. O conselho destes irmãos experimentados será a um tempo são e útil.

3. *O que podemos levar conosco.* Há algumas coisas que a morte não nos pode exigir. A nossa fé em Jesus Cristo, o conhecimento do perdão dos pecados, o carácter cristão, que é desenvolvido através da fé em Cristo e da obediência, a esperança da ressurreição e a promessa da vida eterna — tudo isto nos é legado por Deus. Pertencemos pela fé e nenhum homem, diabo, nem mesmo a morte, nos podem privar dele. Com Paulo podemos dizer: «Porque estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor» (Actos 2:24).

(Leitura para Sexta-feira, 16 de Novembro de 1962)

A Mão do Senhor Exalta

Por L. A. SKINNER

HÁ alguns anos atrás, o autor chegou a Belém, no norte do Brasil. Tudo tinha sido preparado cuidadosamente — vacinas, passaporte, vistos, bilhetes, tudo estava em ordem. Era uma e meia de uma madrugada quente e húmida.

Para além do contróle, vi amigos e companheiros de trabalho. Imaginem a minha tristeza quando ao apresentar os meus documentos um intérprete me explicou que faltava um papel muito importante. Em

vão rebusquei a minha carteira. Lembrei-me então que tendo recebido tal papel, pensei ser uma simples informação que pudesse arquivar na minha secretária em Washington.

«Ninguém entra no Brasil sem tal documento», disse o funcionário. «E quanto tempo leva para arranjar outro?» «Pelo menos três dias!» Nessa altura os meus amigos intercederam por mim, mas amanhcia já quando as suas garantias

de que eu voltaria a meio da manhã para um novo interrogatório, satisfizeram os funcionários.

«Ainda te falta uma coisa!» Foi esta a experiência do jovem rico. Lede em Marcos 10:17,19-22. Ele apresentou-se diante do Mestre com vivacidade e confiança própria. Seguro da sua justiça própria, pensava nas suas boas obras. Vivía em conformidade com as práticas consideradas boas pela igreja. Mas estava agora comparecendo perante Um, cuja visão ultrapassa as acções visíveis, Um que lhe revelou a pequenez da sua alma.

Milhares de jovens adventistas estão hoje enfrentando novos desafios no desenrolar do conflito dos séculos. A veracidade das doutrinas básicas da Bíblia em que acreditamos não admite dúvidas. Há uma expectativa confiante de que em breve Cristo voltará como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Há um desejo pessoal de participar na triunfante viagem através do espaço até à capital do universo. Contudo há uma perturbante noção de que nem tudo está bem. Falta alguma coisa? Que me falta a mim?

Acautelai-vos contra a Falsa Piedade

O apóstolo Paulo adverte contra uma forma de piedade que nega o poder do evangelho (II Tim. 3:5), contra os lábios que falam o que o coração não sente, contra os pretensos crentes que agem por outros motivos que não o amor de Cristo.

Oiçamos estas notáveis declarações da mensageira do Senhor: «Aqueles que se juntaram à igreja sem se terem unido ao Senhor, com o tempo revelarão o seu verdadeiro carácter.» — Ellen G. White, em *The Faith I Live By*, pág. 92.

«Alcançaram a verdade, mas a verdade não os alcançou a eles.» *Testimonies*, vol. 1, pág. 138.

«Aquele que professa a verdade continuando em injustiça, que declara crer nela e contudo a ofende cada dia pela sua vida incoerente, está-se alistando no serviço de Satanás e levando almas à ruína.» — *Ibid.* vol. 5, pág. 142.

Jesus amou o jovem que veio a Ele. Olhou-o com compaixão e ansiou revelar-lhe as profundas experiências da graça. Da mesma maneira hoje, Cristo espera realizar uma profunda obra no coração de cada um dos Seus jovens discípulos. O apóstolo Paulo em Romanos 5:10, fala desta dupla redenção: «Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida.»

Comentando este texto, diz a mensageira do Senhor: «A justiça pela qual somos justificados é imputada; aquela pela qual somos santificados é comunicada. A primeira é o nosso direito ao céu, a segunda, a nossa preparação para ele.» — *The Faith I Live By*, pág. 116.

Há um grave perigo em nos tornarmos anões na família de Deus, em vez dos gigantes espirituais que Deus quer que sejamos... É possível experimentar a primeira fase dos benefícios da redenção e estar reconciliado com Deus quanto aos pecados passados, e contudo ter uma muito pequena experiência da segunda fase—a santificação. É impossível estacionar na experiência cristã.

«Deus requer uma inteira submissão do coração antes que a justificação possa ter lugar; e para que o homem permaneça à sombra da justificação, precisa de haver uma contínua obediência através de uma fé viva e activa que opera por amor e purifica a alma.» — Ellen G. White, *Review and Herald*, 4 de Novembro de 1890.

As Vestes da Justiça de Cristo

A santificação é uma experiência contínua de companheirismos com Cristo. Assim o declara o apóstolo Paulo em Colossenses 2:6: «Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai n'Ele». Esta experiência é explicada por Ellen White nas seguintes palavras: «A santificação é o resultado de um constante morrer para o pecado e de um constante viver para

Cristo.» — *The Faith I Live By*, pág. 116.

Se a santificação não progride, estamos perante uma autêntica tragédia espiritual. «Muitos se têm na conta de cristãos... Não introduziram, porém, a verdade na vida prática. Não receberam o poder e a graça que advém mediante a santificação da verdade. Os homens podem professar a fé na verdade; mas, se ela não os torna sinceros, bondosos, pacientes, dominados, tomando prazer nas coisas de cima, ela torna-se uma maldição para o seu possuidor e, por meio da sua influência, uma maldição para o mundo.» — *O Desejado de todas as Nações*, pág. 227.

Um outro belo símbolo sobre o qual esta experiência é descrita, é o vestir das vestes da justiça de Cristo: «Regozijar-me-ei muito no Senhor, a minha alma se alegra no Senhor, porque me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como um noivo que se adorna com atavios e como noiva que se enfeita com as suas jóias» (Isa. 61:10).

Que significa estar coberto com o manto da justiça de Cristo? «Quando nos submetemos a Cristo, o coração está unido ao Seu coração, a vontade funde-se com a Sua vontade, a mente torna-se uma com a Sua mente, os pensamentos são trazidos cativos a Ele; vivemos a Sua vida. Isto é o que significa estar revestido com os trajes da Sua justiça.» — *The Faith I Live By*, pág. 113.

Não nos admira que os discípulos tenham exprimido o seu espanto perante tão alto ideal quando perguntaram: «Quem poderá, pois, salvar-se?» (Marcos 10:26). Jesus teve para eles uma resposta que lhes deu uma visão do grande poder de Deus: «Jesus, porém, olhando para eles, disse: para os homens é impossível, mas não para Deus, porque para Deus todas as coisas são possíveis» (Marcos 10:27).

Perguntará alguém: «Como posso saber se estou crescendo na graça e se estou progredindo na experiência da santificação?» Há três sinais pelos quais podemos conhecer se estamos caminhando para um

nível mais elevado. O primeiro é a aversão ao pecado: «Amaste a justiça e aborreceste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros» (Heb. 1:9).

Num mundo de convenções em que a fronteira entre o bem e o mal se torna muitas vezes vaga, os filhos de Deus devem ter os olhos unguídos com o colírio celeste para que possam discernir correctamente entre o que é certo e o que é errado. «A graça que Cristo implanta na alma... cria no homem inimizade contra Satanás... Mas o novo princípio na alma cria um conflito onde outrora havia paz... Todo o que aborrece o pecado manifesta a operação de um princípio vindo inteiramente de cima... Há um antagonismo irreconciliável entre Cristo e o mundo.» — Ibid., pág. 117.

Em segundo lugar a vida santificada produzirá frutos espirituais. Jesus disse: «Assim toda a árvore boa produz bons frutos.» (Mat. 7:17).

Quais são os frutos do espírito? «Caridade, gozo, paz, longanimidade, bondade, fé, mansidão, temperança: contra estas coisas não há lei.» «A verdade eleva o que a recebe, refina o seu gosto e santifica o seu discernimento. Deve haver um contínuo esforço para imitar a sociedade à qual em breve esperamos juntar-nos; nomeadamente, os anjos de Deus que nunca caíram em pecado.» — Testimonies, vol. 1, pág. 216.

A terceira evidência de uma vida santificada é o zelo na salvação das almas. Jesus disse que a Sua missão era «buscar e salvar o que se havia perdido» (Lucas 19:10). No coração de Jesus há um inesgotável amor por cada homem e mulher perdidos. Aqueles que plenamente O recebem e ao Espírito Santo, em suas vidas, revelarão o mesmo interesse e compaixão por aqueles que se encontram fora da arca da segurança.

O Espírito Santo é dado nestes últimos dias para tornar frutífero o testemunho dos filhos de Deus. «Se Cristo habita no coração pela fé, não vos podeis manter em silêncio. Se aceitais a Jesus, sereis ver-

dadeiros missionários». — Mensagens aos Jovens, pág. 198.

Todos os agentes celestes foram mobilizados para participarem no trabalho final de chamar os perdidos. «Em Sua sabedoria, o Senhor põe os que estão à procura da verdade em contacto com os seus semelhantes que a conhecem.» — Actos dos Apóstolos, pág. 134. É plano de Deus estimular as nossas mentes e trazer-nos à lembrança as verdades que aprendemos. A juventude adventista tornar-se-á assim um exército treinado apto a proclamar as novas do evangelho a todo o mundo.

Os dias mais Gloriosos estão para Vir

Deus tem planos gloriosos para aqueles que verdadeiramente O amam. Estas realidades eternas se bem que invisíveis por agora, exercerão uma influência cada vez mais positiva sobre as palavras e accões. «Aqueles que andam como Cristo andou, são pacientes, gentis, bondosos, mansos e humildes de coração; aqueles que tomam o jugo de Jesus e partilham com Ele os Seus fardos, que anelam pelas almas como Ele anelou por eles, esses entrarão no gozo do Senhor... O céu triunfará, e o lugar que vagou pela queda de Satanás e dos seus anjos será preenchido pelos remidos do Senhor.» — The Faith I Live By, pág. 114.

Esta perspectiva gloriosa é também salientada na seguinte pergunta feita por Satanás: «São estes... o povo que tomará o meu lugar no céu, e o lugar dos anjos que se uniram a mim?» — Prophets and Kings, págs. 588, 589.

Que glorioso destino espera a nossa juventude: triunfar no poder do Mestre! Sim, o céu apela para eles para que alcancem um alto nível de desenvolvimento espiritual. Ao mesmo tempo, o diabo coloca perante a nossa juventude as mais subtis e poderosas tentações que ele sabe inventar. Dentro de cada jovem está-se travando uma batalha de feroz intensidade.

Sugerirei seis características pelas quais se podem distinguir os jovens adventistas nestes últimos dias.

1. *Terão fome e sede de justiça.* Ver-se-á, com ampla evidência, nos seus planos e decisões, que eles buscam em primeiro lugar o reino de Deus. Não se envergonharão de dar a conhecer que procuram a santidade de vida.

2. *Amarão a justiça e aborrecerão a iniquidade.* Em todas as oportunidades farão sentir o peso da sua influência para o lado do que é recto.

3. *Estarão prontos a dar testemunho de Cristo.* Mostrarão interesse, compaixão, e um senso da responsabilidade pelo bem-estar daqueles que se encontram à sua volta. Estarão prontos a partilhar a sua fé de uma maneira atraente e cheia de tacto.

4. *Possuirão um vivo interesse pela Bíblia e pelas instruções dadas por Deus através do Espírito de Profecia.* A nossa juventude dos últimos dias praticará um plano diário e sistemático de leitura da Bíblia. Unir-se-ão em grupos para explorar e pesquisar os tesouros da Palavra de Deus. Sustentarão pela sua presença e participação activa os serviços de culto da igreja.

5. *A sua conversação evidenciará que as suas mentes estão centralizadas em temas celestiais.* Honrarão a Cristo com os seus olhos, os seus ouvidos e as suas bocas. Guardarão bem as avenidas da alma e exercerão uma influência cristã positiva sobre os seus companheiros.

6. *O seu viver diário demonstrará o poder transformador do evangelho.* Cultivarão a amizade, a alegria, a boa vizinhança. Serão honestos, verdadeiros, dignos de confiança. Serão puros de pensamento e reverenciarão tudo o que é santo. Fisicamente serão limpos e saudáveis, protestando contra a dissipação destes últimos dias.

Sim, está na mão de Deus tornar grande a nossa juventude para Ele, pois n'Ele encontramos tudo quanto necessitamos.

Olhai por Vós

Por R. R. FIGUHR

«E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguês e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improvisto aquele dia» (Lucas 21:34). Aqui Jesus admoesta-nos a voltarmos individualmente para o nosso coração o microscópio da inspecção minuciosa e crítica. Há um perigo real para os cristãos de serem atraídos inadvertidamente pelos interesses mundanos enquanto que aparentemente praticam a sua religião com fidelidade. Somos admoestados a precavermo-nos contra o perigo de nos enganarmos a nós próprios. Esta decepção pode ser a mais insidiosa de todas. Somos admoestados a olhar para nós próprios, para os nossos próprios corações, cuidadosamente, com senso de crítica, a fim de que as coisas que acariciamos não nos decepcionem e nos embalem num perigoso estado de apatia espiritual.

A menos que tomemos sinceramente esta admoestação como dirigida a nós próprios, o dia do Senhor virá sobre nós como uma armadilha e encontrar-nos-á empenhados em coisas que até aos cristãos excluirão do céu.

Jesus continua: «Vigiai, pois, em todo o tempo, orando para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas.»

Temos um inimigo astuto e vigilante. Ele emprega todos os planos possíveis para levar o cristão a um estado de enfraquecimento do seu interesse espiritual. Ele sabe que um cristão absorvido pelos cuidados do mundo e preocupado com o gozo das riquezas e dos prazeres é um cristão perdido.

«Cuidados, riquezas e divertimentos são usados por Satanás no jogo da vida da alma humana.» — Parábolas de Jesus, pág. 55.

Há pouco espaço para os assuntos espirituais quando a atenção e

afeições estão centralizadas nas coisas terrenas. Os interesses espirituais são escuraçados ou colocados numa posição de segunda importância. Para uma pessoa se perder não necessita deixar de acreditar na verdade de Deus. Pode continuar a sustentar a sua profissão de fé e a praticar os actos externos da religião. Para se perder basta que ela dê o primeiro lugar às coisas terrenas e relegue as celestiais para um lugar de menos importância. Foi assim com Judas. Ele vivia na própria presença de Jesus. Ouvia as Suas maravilhosas palavras de vida e testemunhava as Suas divinas acções de graça e amor. Embora movendo-se diariamente no círculo desta atmosfera celestial, na realidade o seu coração estava sobrecarregado com as coisas do mundo, estando morta a sua percepção espiritual. Na própria presença de Jesus, tornou-se um homem perdido. Se o inimigo foi capaz de arrebatá-lo um seguidor em contacto diário com Jesus, quanto maiores são os perigos que os seguidores de Cristo nestes últimos dias têm de enfrentar! O facto de Satanás ter vencido Judas é para cada discípulo do Senhor uma admoestação para que olhe por si mesmo.

Alguns pretenderão fazer-nos crer que Satanás não existe como um ser pessoal, mas este não é o quadro que a Bíblia nos apresenta. O próprio Jesus repreendeu o diabo quando ele pretendeu implantar no Seu coração o amor do mundo. «Vai-te Satanás!», foi a resposta de Jesus à sua oferta. Então, diz-nos o relato, chegaram os anjos e O serviram.

Vêm-se vivamente desenhadas as linhas do conflito entre Satanás e os seus anjos maus, por um lado, e por outro lado os celestes anjos de luz. O campo de batalha é o coração humano.

No livro «Testimonies to Ministers, págs. 472-475, são distintamente reveladas as armadilhas que Satanás arma astutamente para apanhar os incautos. Reparaí nos seguintes extractos: «À medida que o povo de Deus se aproxima dos perigos dos últimos dias, Satanás mantém permanentes consultas com os seus anjos para estudar os melhores planos de arruinar a sua fé.»

O grande enganador dá as seguintes instruções aos seus anjos maus:

«Precisamos vigiar aqueles que estão chamando a atenção do povo para o Sábado de Jeová...»

«O Sábado é a grande questão que decidirá o destino das almas. Precisamos exaltar o sábado de nossa invenção...»

«Precisamos separar muitos de Cristo, pelo amor do mundo, luxo e orgulho. Eles precisam pensar que estão seguros pelo facto de acreditarem na verdade, mas a satisfação do apetite e das paixões vis, que tornará confuso o seu juízo e lhes destruirá o discernimento, causarão a sua queda.»

«Ide, fazei com que os possuidores de terras e dinheiro se embriaguem com os cuidados da vida. Apresentai-lhes o mundo com a sua mais atractiva luz a fim de que juntem aqui o seu tesouro e fixem as suas afeições nas coisas da terra. Precisamos de trabalhar o mais possível para impedir que os que trabalham na causa de Deus obtenham meios para lutarem contra nós. Mantende o dinheiro nas nossas próprias fileiras. Quanto mais meios obtiverem mais prejudicarão o nosso reino arrancando-nos os nossos súbditos. Fazei com que eles pensem mais no dinheiro do que na construção do reino de Cristo e na pregação das verdades que odiamos e não precisaremos temer a sua influência; pois sabemos que toda a pessoa egoísta e avarenta cairá sob o nosso poder e será finalmente separada do povo de Deus...»

«Nos lugares em que o povo de Deus realiza reuniões terei como meus agentes homens sustentando falsas doutrinas misturadas com a quantidade suficiente de verdade para enganar as almas...»

«Precisamos de causar distração e divisão. Precisamos destruir a sua ansiedade pelas suas próprias almas, e levá-los a criticarem-se, julgarem-se, acusarem-se e condenarem-se uns aos outros e a acariciar o egoísmo e a inimizade. Por causa destes pecados Deus baniunos da Sua presença; e todos os que seguirem o nosso exemplo terão o mesmo destino.»

Quão afortunados somos de que estes pontos do ataque do inimigo nos tenham sido revelados! Que o facto de estarmos prevenidos signifique estarmos preparados.

Um Ponto Especial de Ataque

É-nos dito no texto acima citado que o Sábado será um ponto especial de ataque. «O Sábado é a grande questão que decidirá o destino das almas». O plano do inimigo consiste não só em levar o povo a observar outro dia em lugar do que Deus tem amplamente indicado, mas também levar os Adventistas do Sétimo Dia a uma forma descuidada e semi-convertida da guarda do Sábado. Contudo, ao mesmo tempo ele leva-os a sentir uma falsa segurança dado que prestam alguma atenção ao dia do Senhor. Fecham as suas lojas e escritórios, não compram ou vendem, não amanham os campos e vão à igreja ao sábado. Porém uma simples condescendência exterior não é verdadeira observância do Sábado. Trará apenas como resultado um falso e perigoso sentimento de segurança.

O cristão espiritualmente sensível e verdadeiramente convertido, reconhecerá o propósito e significação do Sábado e com alegria de coração adoptará uma cuidadosa observância dele encontrando deleite e refrigério espiritual ao proceder assim. Isaías, mais explicitamente, ensina-nos em que consiste a verdadeira observância do Sábado: «Se desviáres o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao Sábado deleitoso, e santo dia do Senhor digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas

próprias palavras, então te deleitarás no Senhor» (Is. 13:14). Israel era cuidadoso na observância exterior do Sábado, enquanto na realidade pisava o santo dia de Deus. Buscar o prazer das coisas temporais, falar ociosamente dos negócios de cada dia, tendo a mente e o coração cheios dos assuntos do mundo, não é observância do Sábado. A advertência de Jesus para olharmos por nós mesmos, aplicar-se à maneira e aos motivos da guarda do Sábado. Precisamos estar certos de não estarmos pisando o sagrado dia de Deus. Uma cuidadosa observância do Sábado traz bênçãos espirituais: «Então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança do teu pai Jacob; porque a boca do Senhor o disse» (Is. 58:14).

Lemos também em 'Testimonies to Ministers', que Satanás incita os seus anjos a atacar o povo de Deus no assunto do apetite e desejos carnis. Ele diz: «Eles precisam de pensar que estão salvos porque acreditam na verdade, mas a satisfação do apetite ou das baixas paixões... causará a sua queda.» pág. 473. Os Adventistas do Sétimo Dia acreditam e pregam a reforma da saúde. Agradecemos a Deus pela luz maravilhosa que deu ao Seu povo neste importante assunto. Mas lamentamos que haja alguns aqui e ali que a desvirtuem e ainda outros que façam dela toda a mensagem. Ambos os grupos prestam um real mau serviço à nossa igreja, pois nenhum extremo pode exaltar a Reforma da Saúde. Chegou o tempo de cada um de nós prestar uma cuidadosa e séria atenção à grande mensagem da Reforma da Saúde. Ninguém foi nomeado juiz dos outros quanto ao que eles devem comer ou beber. Há suficiente latitude neste assunto para que cada um conscienciosamente faça as adaptações que as situações particulares exijam, lembrando-se sempre que a satisfação do apetite e das baixas paixões é um dos pontos especiais dos ataques de Satanás.

Outro método usado pelo astuto enganador é causar divisão no seio do povo de Deus por intermédio de

agentes humanos. «Precisamos de causar distração e divisão». «Nos lugares em que o povo de Deus realiza reuniões, terei como meus agentes homens sustentando doutrinas misturadas com a quantidade suficiente de verdade para enganar as almas». Satanás tem através dos séculos usado este método com mais ou menos sucesso. Neste aspecto as suas actividades estão relacionadas quer no Velho quer no Novo Testamento.

Desde os princípios do nosso próprio trabalho como igreja, temos experimentado o mesmo. Nos últimos dias devemos esperar ver ainda mais «homens sustentando falsas doutrinas misturadas com a quantidade suficiente de verdade para enganar as almas», trabalhando activamente entre nós. Por isso somos admoestados a olhar por nós mesmos e a permanecermos com os que promovem a lealdade e a unidade.

Onde há Perseguição

Nalgumas áreas da terra, hoje, os cristãos em geral e frequentemente o nosso próprio povo em particular, estão passando por grande prova e aflicção. A sua liberdade é cerceada e a prática da sua fé religiosa se não é inteiramente proibida é pelo menos muito dificultada. Sofrem discriminação, são odiados, privados de literatura religiosa, é-lhes negado o contacto com os seus irmãos de outros lugares. A sua vida não é fácil e por vezes piora ainda mais. Os belos relatos da sua fé e firmeza que chegam até nós, comovem-nos profundamente. Uma leal profissão de fé em tais condições, pode fazer perigar a vida. Mas há ainda outros e maiores tipos de perigos que cercam a nossa vida que nem sempre são considerados. O Mestre chama a nossa atenção para eles, quando diz: «Olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glotonaria, de embriaguês e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia» (Lucas 21:34). Jesus refere-se aqui plenamente aos perigos de viver numa época próspera e opulenta como

acontece em alguns países do mundo de hoje, incluindo a América do Norte. É precisamente debaixo de tais circunstâncias que o coração dos homens se sobrecarrega com os interesses mundanos e se embriaga com o progresso material. No tempo da prosperidade, o inimigo é mais bem sucedido com as suas tentações do que debaixo de condições adversas.

Aqueles que foram privados de quase todos os seus bens e aos quais apenas se permitiu a pobre liberdade de existir, estão em menor perigo de entrarem pelo caminho da glotonaria e da embriaguês. Mas esse período já existe para os que vivem tranquilamente, debaixo de circunstâncias confortáveis e agradáveis. Com o aumento dos bens e estando a segurança material aparentemente certa, são os homens muitas vezes levados a descansarem e a acreditarem nas incertas riquezas como fez o homem rico de Lucas 12. A admoestação que Deus fez ao antigo Israel é também para nós hoje: «Guarda-te para que não te esqueças do Senhor teu Deus. ... Quando se tiverem aumentado as tuas vacas e as tuas ovelhas, e se acrescentar a prata e o ouro, e se multiplicar tudo quanto tens, se não eleve o teu coração e te esque-

ças do Senhor teu Deus» (Deut. 8:11-14).

Uma mulher contou que quando era jovem, há alguns anos atrás, ela e um rapaz da sua terra foram mordidos por um cão raivoso. O tratamento para a raiva era então muito recente e não se obtinha com muita facilidade. Para o receber era preciso fazer uma longa e desagradável viagem até uma cidade distante. O dono do cão ofereceu a cada um dos jovens poder escolher entre uma viagem à cidade para receber o tratamento, que ele pagaria, ou receberem a quantia de 15 000\$. Naquele tempo 15 000\$00 era uma soma muito considerável de dinheiro. A decisão requeria muita ponderação da parte dos dois jovens. A rapariga decidiu ir fazer o tratamento, pois queria ficar descansada. O rapaz, fascinado pelos 15 000\$00, não foi fazer o tratamento. Quando a jovem regressou seguramente imunizada contra a terrível raiva, soube que o rapaz já tinha sucumbido à doença. Escolheu o dinheiro em vez da cura e pereceu por causa da sua escolha. Aqui vemos a lição que Jesus nos quer ensinar — precisamos de tratar os nossos corações da fatal doença do amor do mundo, em vez de seguirmos as resplandcentes e

fascinantes solicitações do mundo que conduzem à destruição.

Que abençoada será a recompensa que receberão os que, tendo olhado por si próprios, colocarem a Deus e à Sua Palavra em primeiro lugar nos seus corações. Desse, Jesus diz: «Bemaventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens» (Mat. 24:46,47).

Os acontecimentos finais estão rapidamente terminando no mundo. Já não é uma figura de retórica afirmar que os corações dos homens estão desmaiando de terror, pois esta é a situação actual. As negras nuvens da angústia e perturbação passam sobre nós vindas de todas as direcções. Há só um lugar para onde podemos olhar com confiança — para cima. «Olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima», são as confortadoras palavras de Jesus.

Temos hoje uma tarefa dupla a realizar — admoestar fielmente os outros e prepararmo-nos a nós próprios para o glorioso aparecimento do Senhor vindo dos céus. Neste último dia da Semana de Oração não renovaremos nós a decisão de olharmos pos nós próprios?

A Oração Pública

Irmã White

A oração feita em público deve ser breve e ir, directamente, ao ponto. Deus não quer que tornemos fastidiosos o período de culto, mediante longas petições. Jesus não impõe aos seus discípulos nenhuma cerimónia fatigante nem longas orações. «Quando orares, — disse Ele — não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar, em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens». (S. Mateus 6:5).

Os fariseus tinham horas estabelecidas para a oração; e quando, como acontecia muitas vezes, eles se achavam fora de casa, na hora marcada, paravam, onde quer que estivessem — talvez na rua ou na praça, entre a turba movimentada dos homens, — e aí, em alta voz, recitavam as suas orações formais. Tal culto, prestado, apenas, para glorificação própria, provocou franca censura de Jesus. Todavia,

o Salvador não desaconselhava a oração pública; sabemos como Ele próprio orava com os discípulos e com a multidão. Mas queria imprimir em seus discípulos o pensamento de que as suas orações públicas deviam ser breves.

Alguns minutos são o bastante para qualquer oração pública em geral. Pode haver casos, em que as súplicas sejam de modo especial ditadas pelo Espírito de Deus. A

alma suplicante fica angustiada, e geme em busca de Deus. O espírito luta, como fez Jacob, e não fica sossegado sem a manifestação especial do poder de Deus. Em tais ocasiões pode ser justo que a petição se prolongue mais.

Há muitas orações enfadonhas, que parecem mais uma preleção feita ao Senhor, do que o apresentar-Lhe um pedido. Seria melhor que os que assim procedem, se limitassem à prece que Jesus ensinou aos seus discípulos.

As orações longas são fatigantes para quem as escuta, e não preparam o povo para escutar as intruções que se devem seguir.

É muitas vezes devido à negligência da oração particular, que elas são feitas em público, longas e fastidiosas.

Tais orações dão frequentemente como resultado o enfraquecer a espiritualidade de muitos dos presentes.

Os que oram e os que falam devem pronunciar as palavras bem e falarem com clareza, em tons distintos. A oração, quando é feita no devido modo, é uma força para o bem. É uma das maneiras empregadas pelo Senhor para comunicar ao povo os preciosos tesouros da verdade. Mas ela não se torna o que devia ser, por causa da imperfeição com que é proferida. Satanás regozija-se quando as orações oferecidas a Deus são quase inaudíveis.

Que o povo de Deus aprenda a falar e a orar de maneira a representar devidamente as grandes verdades que possuem. Os testemunhos dados e as orações feitas devem ser claros e distintos. Assim Deus será glorificado.

Deus pede um ministério mais elevado e perfeito. O Senhor é desonrado pela imperfeita enunciação de uma pessoa que, mediante laborioso esforço, se poderia tornar um Seu porta-voz aceitável. A verdade é muitas vezes prejudicada pelo veículo que a transmite.

Orações pelos doentes

Temos na palavra de Deus instruções quanto a orações especiais para o restabelecimento de doentes. Tais orações, porém, são um acto soleníssimo, não se devendo fazer isso, sem cuidadosa consideração.

Em muitos casos de oração para a cura de doentes, aquilo que é chamado fé, não passa de presunção.

Muitas pessoas trazem sobre si enfermidades, devido à condescendência com o próprio eu. Não têm vivido de acordo com a lei natural, ou como os princípios da estrita pureza.

Outros negligenciaram as leis da saúde nos seus hábitos do comer e do beber, no vestir ou no trabalhar. Muitas vezes, qualquer espécie de vício é a causa da fraqueza da mente ou do corpo. Se tais pessoas recebessem a bênção da saúde, muitas delas talvez continuaríamos a transgredir as leis naturais e espirituais, dadas por Deus, raciocinando que, se Ele as cura, em resposta à oração, elas acham-se em liberdade de continuar as suas práticas nocivas, e de condescender sem restrições com os apetites pervertidos. Se Deus operasse um milagre, restituindo a saúde a essas pessoas, estaria a animar o pecado.

É trabalho perdido ensinar o povo a olhar para Deus, como curando as doenças, a não ser que também se Lhe ensine que deixe os seus hábitos nocivos. É necessário que os homens aprendam a deixar de fazer o mal, e que também aprendam a praticar o bem, a fim de receberem a sua bênção em resposta à oração. O seu ambiente deve ser higiênico, assim como os seus hábitos de vida devem ser correctos. Devem viver de harmonia com a lei de Deus, tanto natural como espiritual.

Quando se ora pelos doentes, convém lembrar que «não sabemos o que havemos de pedir, como con-

vém». (Rom. 8:26). Não sabemos se a bênção que desejamos será o melhor, ou não. Portanto, as nossas orações devem incluir este pensamento: «Senhor, Tu conheces todos os segredos da alma. Tu estás familiarizado com essas pessoas. Jesus, seu Advogado, deu a vida por elas. O seu amor por elas é maior do que é possível ser o nosso. Se, portanto, é para Tua glória e bem dos aflitos, pedimos, em nome de Jesus, que eles sejam restituídos à saúde. Não sendo de Tua vontade que sejam restaurados, pedimos que a Tua graça os conforte, e que a Tua presença os conforte nos seus sofrimentos».

Todos desejamos respostas imediatas e directas às nossas orações, e somos tentados a ficar desanimados, quando as mesmas são retardadas, ou chegam de maneira diversa do que esperávamos. Mas Deus é demasiado sábio e bom para atender sempre às nossas orações, exactamente no tempo e na maneira que desejamos. Não há dúvida de que Deus fará por nós mais e melhor, do que realizar todos os nossos desejos. E, porque podemos confiar na Sua sabedoria e amor, não devemos pedir-Lhe que nos conceda o nosso desejo, mas buscar penetrar e cumprir o Seu desígnio.

É que os nossos interesses e os nossos desejos devem fundir-se com a Sua divina vontade.

Essas experiências que provam a fé, são para nosso benefício. Por meio delas torna-se manifesto se a nossa fé é verdadeira e sincera, repousando unicamente na palavra de Deus, ou se, dependendo de circunstâncias, é incerta e mutável. A fé robustece-se pelo exercício. Precisamos de fazer com que a paciência tenha a sua obra perfeita, lembrando que há promessas preciosas nas Escrituras para aqueles que esperam no Senhor.

Nem todas as pessoas compreendem estes princípios. Muitos dos que buscam a misericórdia curadora do Senhor pensam que precisam

ter uma resposta directa e imediata às suas orações; pelo contrário, a sua fé é imperfeita. Por isso os que se acham enfraquecidos pela doença precisam de ser aconselhados sábiamente, a fim de agirem com prudência.

Reverência na oração

«Algumas pessoas julgam que é um sinal de humildade o orar a Deus de uma maneira comum, como se estivessem falando com um ser humano. Profanam, assim o Seu nome, misturando desnecessária e irreverentemente nas suas orações as palavras «Deus, Todo-poderoso» — tremendas e sagradas palavras, que nunca deveriam passar pelos lábios, senão em tom submisso e com um sentimento de respeito.

A linguagem floreada é inadequada à oração, quer a petição seja feita no púlpito, quer no círculo de família, quer em particular.

A pessoa que ora em público deve servir-se de uma linguagem simples, para que os circunstantes possam entender o que ele diz, e unirem-se, assim, à petição.

É a oração da fé, que vem do coração, que é ouvida no céu e atendida na terra. Deus compreende as necessidades humanas. Sabe o que desejamos antes de o pedirmos. Vê o conflito da alma com a dúvida e com a tentação. Observa a sinceridade do suplicante. Aceita a humilhação da alma e a sua aflição. «Mas eis para quem olharei», declara o Senhor, «para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha Palavra». (Isa. 66:12).

É nosso privilégio orar com confiança, ditando o Espírito as nossas petições.

Devemos declarar com simplicidade as nossas necessidades ao Senhor, e reclamar a sua promessa com tal fé, que os que se acham na congregação conheçam que temos aprendido a prevalecer para com o Senhor em oração.

Serão animados a crer que a presença do Senhor se acha na reunião, e hão-de abrir o coração para receberem as bênçãos divinas. A sua fé na nossa sinceridade aumentará e ouvirão, atentamente, as instruções que forem dadas.

As nossas orações devem ser repassadas de ternura e de amor. Quando nos afligirmos por uma compreensão mais profunda e vasta do amor do Salvador, clamaremos a Deus por mais sabedoria. Se alguma vez houve necessidade de orações e de sermões que comovessem a alma, é agora esse momento. Está às portas o fim de todas as coisas. Oh! se pudéssemos ver, como devemos, a necessidade de buscar ao Senhor, de todo o coração! Então O haveríamos de achar.

Que Deus ensine o nosso povo a orar. Aprendam os mestres, nas nossas escolas e os ministros nas nossas igrejas, diariamente, na escola de Cristo. Então eles hão-de orar fervorosamente, e os seus pedidos serão ouvidos e satisfeitos. Então a palavra será proclamada com poder.

A nossa atitude na oração

Tanto no culto público como no particular, é nosso privilégio curvar os joelhos perante o Senhor, quando lhe fazemos as nossas petições. Jesus, nosso exemplo, «pondo-se de joelhos, orava». (S. Lucas 22:41).

Acerca dos seus discípulos achase registado que eles também se punham de joelhos e oravam (Actos 9:40; 20:36; 21:5). O apóstolo Paulo declarou:

«Ponho-me de joelhos perante o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo». (Efés. 3:14).

Ao confessar perante Deus os pecados de Israel, Esdras ajoelhou-se (Esdras 9:5). Daniel, «três vezes no dia, punha-se de joelhos, e orava, e dava graças, diante do seu Deus». (Daniel 6:10).

A verdadeira reverência para com Deus é inspirada por um sentimento da sua infinita grandeza e da sua presença. Com esse sentimento do Invisível, todos os corações devem ser profundamente impressionados. A hora e o lugar da oração são sagrados, porque Deus se encontra ali; por isso, quando manifestamos reverência na nossa atitude e maneiras, o sentimento que inspira essa reverência tornar-se-á mais profundo. «Santo e tremendo é o Seu nome» (Salmos 111:9), declara o Salmista. Quando proferem esse nome, os anjos velam o rosto. Com que reverência deveremos, pois, nós, os caídos e pecadores, tomá-lo nos nossos lábios!

Bom seria, que tanto os velhos como os jovens, ponderassem as palavras da Sagrada Escritura, que mostram como o lugar assinalado pela presença especial de Deus deve ser considerado. «Tira os teus sapatos de teus pés»; — ordenou Ele junto à sarça ardente, «porque o lugar em que tu estás é terra santa». (Êxodo 3:5).

Jacob depois de contemplar a visão dos anjos, exclamou: «O Senhor está neste lugar e eu não o sabia... Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus». (Gén. 28:16, 17).

«O Senhor está no seu santo templo: cale-se diante d'Ele toda a terra». (Hab. 2:20).

Não se exigem orações verbosas, com carácter de sermão, e que são fora de lugar, em público. Uma oração breve, feita com fervor e fé abrandará o coração dos ouvintes; mas durante as orações longas, esperam eles impacientemente, como se desejassem que cada palavra fosse o final da mesma. Se o ministro que faz tal oração, tivesse lutado com Deus, no seu aposento, até sentir que a sua fé podia ater-se à promessa: «Pedi e dar-se-vos-á», chegaria, então, directamente, ao ponto, na sua oração pública, pedindo com fervor e fé a graça tanto para si mesmo, como para os seus ouvintes.